

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : A. G. VOLTERRA

Dirigir todos os gêneros de assinaturas e numeros  
anuidos em Portugal ao SR. DAVID CORAZZI, 12, riz  
da Academia, Lisboa; e no Brasil, av. São José de  
Alcântara, 28, ria da Consolação, Rio de Janeiro.  
Prato do número 1 de Paris, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 4

PARÍS, 5 DE JANEIRO DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS .

ANNUO SEMESTRAL	5.400 —
BIMESTRAL	1.200 —
TRIMESTRAL	1.000 —
AVULSO	100 —



O ANO NOVO. — COMPOSIÇÃO DE JACQUES WAGREZ.



## A TRAVÉZ DE PARIS

**A** INFLUENZA enfermidade que, graças à misericordia divina, não tem de italiana senão o nome; continua a grassar sob a dupla forma de catarrhal e de assumpção de conversação. A primeira d'estas duas manifestações da epidemia é assaz benigna, e o curto espaço de 4 a 5 dias mediu regularmente entre os primeiros symptoms do mal e a sua cura completa; a segunda porém é muito mais grave e reveste caracteres assaz ameaçadores. E' sobre tudo nas pessoas de habitos mundanos e que frequentam clubs, associações ou mesmo *clôk teat* que se manifestam de preferência os symptoms do terrível flagelo. A futura vítima logo ao levantar da cama ouve fallar ao seu redor na influenza; pega n'um jornal, e a rubrica *A influenza em Paris* salta-lhe aos olhos. Pelo dia adiante cada conhecido que encontra enterpella-o já de longe! — «Então que me diz da influenza?» — «Se entra n'uma sala, n'um cercle, n'um omnibus, n'um camarote, n'uma vespaiana, n'um restaurante, não ouve, não lê, não respira, não come, não bebe, senão influenza!»

Até cabo de alguns dias d'este regimen, o desgraçado começa a sentir nausées, vertigens, impossibilidade de fitar objectos brillantes, secura de lingua e vontade de morder em sua sogra. Estú damnado!

Um medico, meu amigo, que é o mais alegre rapaz que eu conheço, e que tem o espírito sempre virado para as coisas faceciosas, afirmou-me há dias que afinal de contas esta história da influenza não passa d'uma espécie de batedor, ou correio avançado, do cholera-morbus que justamente se acha na Persia dizimando os subditos do Schah. Ora ao que parece, quando o cholera veio do Egypto, raras vezes transpõe os Alpes, ou quando os transpõe é para se entreter em Marselha. Toulon e nas cidades hispanólicas do Mediterrâneo, onde elle se acha agradavelmente em familia, com a tradicional porcaria e desleixo dos seus habitantes; porém quando vindo da Persia, transpõe o Caucaso, e em breve a Europa inteira se converte n'uma vasta necrópole. Actualmente, as ultimas notícias dão-n'os chegado às visinhanças de Tiflis.

Estas e outras coisas alegres e festivas me disse o meu galhofeiro amigo, espírito sempre virado para os faceciosos assumptos. E esta amena conversação não contribui pouca para anuviar o men cerebro curvado precisamente n'esse dia por algumas horas de conversa e divagações sobre a influenza. Que excellente coisa, o convívio com amigos presentes!

Além da influenza, faltou-se também em Paris do casamento de Mlle d'Uzès, filha da famosa duquesa boulangista, com o duque de Luynes, filho do gentilhomem morto na batalha de Patay. A chronica apoderou-se d'este assumpção mundano e deu-nos os mais interessantes pormenores sobre o enxoval da noiva. Assim veio por exemplo a saber-se o numero exacto dos seus mais íntimos *inexpressíveis*; e da mesma forma se deixou de ignorar que as suas camisas de noite atam por meio de fitas cor de rosa serpeando por entre rendas de mil francos o metro. Este genero de literatura parece ser muito do agrado dos interessados, visto que o toleram, e é permitido mesmo esperar, dado o crescente desenvolvimento da reportagem contemporânea, que dentro em breve por occasião destes grandes casamentos aristocráticos, as folhas publicas insiram no dia seguinte no enlace um boletim minucioso da noite esponsalicia, com photogra-

vuras e o resumo tachygraphic da conversação.

O mal da epocha, a verdadeira influenza, é o cabotinismo insuportável, a avidez de insalubre publicidade que tanto agita hoje em dia um descendente dos Cruzados, como um tenor do teatro lyrico de Carcassonne.

Além da lista do enxoval, os jornais publicaram a dos presentes. As populações foram informadas por este meio de que a actual duqueza de Luynes se pode abanar com 48 leques ao mesmo tempo, ou sucessivamente, a seu gosto; e enfeitar-se com um numero incalculável de pulseiras, brincos, adereces, broches, entre os quais uma libellula em diamantes do *illustre exilado* de Jersey.

Outros dias depois tinha lugar um *meeting* promovido pela associação dos empregados demitidos pelo governo, por occasião da famosa descoberta dos papeis de Boulanger. O *illustre exilado* enviou-lhe as suas pobres victimas uma somma de oito libras.

Certos espíritos azedos exprimem a opinião de que o general teria feito muito melhor em mandar o broche de diamantes aos desgraçados que por causa d'elle ficaram sem o seu ganha pão — e as oito libras à duqueza d'Uzès.

Isto já se sabe na hypothesis alias provável de tal libellula valer mais de 8 libras. De outra forma, ainda os pobres diabos demitidos perderiam na troca.

O que é certo é que o *brav' general*, outrora perdulario e faustooso, resvalou hoje na mais lamentavel piranga, como se diz no grande mundo. A hora tragica do calote approximava-se vertiginosamente. O delicioso sussurrar das antigas e misteriosas fontes... de recolta extinguiu-se, e no fundo tenebroso das suas algibeiras out'ora fulgentes, silenciosamente o cotão germina, cryptogamma da pelintrice, bolor sínistro da miseria.

A sorte do general astigura-se-me tanto mais lamentavel, quanto é certo que nem lhe resta, como a Victor Hugo no exílio, o recurso de escrever os *Miseráveis* e de os vender a um editor por meio milhão.

Este casamento do joven duque de Luynes evoca na minha memoria uma nedocta quasi epica, que ouvi contar a um dos amigos e parentes da família, o conde de G.

Como acima disse, o paiz do duque actual caiu varado por uma bala prussiana na famosa batalha de Patay, onde Charette e o seu heroico batalhão vendeano praticaram prodigios de valor. O duque tinha apenas alguns meses de casado e a sua viuva ficara gravida do feliz noivo de Mlle d'Uzès. Espalhou-se por essa occasião um boato odioso. Segundo a voz pública, o duque de Luynes não tombara com a face voltada para o inimigo, e fôra pelas costas, na debandada, d'uma fuga covarde, que a bala prussiana o viera fulminar.

Esta columnia chegou ás ouvidos da velha mãe do gentilhomem, que mandou exumar o cadáver de seu filho e transportá-lo ao solar de Luynes. Todos os rendeiros, cultivadores, operários do vasto domínio, todos os habitantes das aldeias circumvizinhas foram, a som de trompa, convidados a comparecerem n'um determinado dia á porta do castello. A hora indicada, uma turba silenciosa e commovida apinhava-se em torno da senhorial mansão, e as portas abriram-se de par em par. A onda humana penetrou e, conduzida por mordomos carregados de lucto, invadiu a grande sala dos Guardas, cujo techo apainelado desaparecia sobre veus de crepe, e onde hirtos, immoveis, nos seus corséis gigantescos, cincocentos cavaleiros, broquelados de ferro, enluvados de aço, empunhando longas lanças se olhavam, como no *Extradus* de Hugo, frente a frente, em silêncio. Um grande catafalco, rodeado de tocheinhas de prata onde tremulzia a chama amarelenta dos cyrios, erguia-se a meio do vasto recinto, e sobre esse catafalco alvejava vividamente, deitado de costas, um cadáver nu, em cujo flanco se arroxavam os

labios mal unidos d'uma ferida. Era o cadáver do duque; e os labios d'essa ferida hereticamente recebida em face do inimigo gritavam contra a calunia que ousara pôr em dúvida a coragem d'um Luynes. Impressionada, e respeitosa, a multidão desfilou deante do catafalco. A honra dos Luynes estava salva.

Da epopeia à opereta o salto é vertiginoso. Por isso como transição, antes de lhes fallar no *Marido da Rainha* e no *Cadeado*, ultimamente representados nos Buffos-Parisienses e no Palais-Royal, duas palavras ácerca do *Pater* de Coppée, que o sr. ministro da instrução publica, de acordo com a comissão de censura, acaba de prohibir que se represente na *Comédie Françaçaise*. O *Pater* é um drama em verso, em um acto!

Nada ha como viver em republica para se gozar d'uma boa tyrannia! Se um caso d'estes se dessse no nosso paiz, ai, pau do céu, que alarido! A liberdade do pensamento manietada! Uma mordâna na boca dos escriptores! Toda a velha tropa fundanga dos tropos e metaphoras em mobilização!

Pois aqui, meus senhores, sob o governo d'aquelle que usa um barrete phrigio, a coisa é simples como bons dias. O ministro lê o manuscrito e a postilla-o a lápis á margem. — «Não autorizo a representação!» O autor nem mesmo recebe um officio, em bastardinho mimoso. Uma despedida secca, a ordem a um criado de se pôr na rua!

Li o *Pater* no *Figaro*. A situação principal tem o defeito de se parecer um pouco demais com a linda scena dos *Miseráveis* em que a irmã Simplicia mente a Javert para salvar Jean Valjean. Mas os versos são quentes, vibrantes, vigorosos e familiares, como todos os de Coppée e quanto aos perigos da representação para a ordem publica, o leitor que julgue. Eis em trez linhas o enredo.

E nas ultimas vascas da *Communa*. O padre Morel, um santo, foi fuzilado com outros refens, na carnificina da rua Haxo. Sua irmã, que lhe havia dedicado a existencia e que era para elle uma segunda mãe, entregava-se a um desespero invencivel, que a leva a blasphemar, a duvidar da eterna bondade divina. Debalde um velho cura, amigo de martyr, procura consolá-la. Na sua dor, a infeliz expande-se em juramentos de vingança e em palavras de odio contra os algozes. O velho padre retira-se, depois de algumas palavras severas, ordenando-lhe que se prostre e peça perdão a Deus pela oração.

Ajoelhada deante do crucifixo, ella procura articular o Padre Nossa, cujas phrases de esquecimento e de perdão revoltam na sua alma os instintos de vingança e de rancor mal domados. Nisto a porta abre-se bruscamente, e um federado, um chefe dos revoltos, entra pedindo asyllo, perseguido a curta distancia pelos soldados.

No primeiro instante, o odio faz explosão no peito da infeliz. E' um dos assassinos do seu irmão que ella tem nas mãos, que ella vai entregar ao pelotão vingador, que o fusilará como a um animal feroz. A scena é bella e as phrases que se trocam são apaixonadas e vehementes. «Chamas-te christã, diz-lhe por fim o vencido, e vences o proscrito!» Ouivem-se pertos os passos dos soldados. Então, a pressa, ella fiz-lhe vestir a sotaina, e pôr o chapéu do sacerdote morto. Quando os militares entraram, procurando o comunista evadido, ella responde-lhes que não viu ninguem, nem tão pouco seu irmão alli presente. Em seguida, quando os soldados se retiram, fal-o evadir sob os trajes do morto, e, despedida por aquelle horrivel combate intimo, cae de joelhos balbuciando as ultimas palavras da oração interrompida.

«. Não tenho tempo para voltar ás operetas que fizaram de resto um fiasco assaz lamentavel. Alguns ditos sobre nadaram aqui e acolá, aos quales os actores procuraram agarra-los com aancia

de naufragos. De nada lhes valeu o esforço, e o choro recebeu seus corpos e almas.  
Meus senhores e senhoras, até 1890.  
Boas festas, alegres consoladas, e que Deus  
nossa senhora os livre da influência.

GIESS.

## AVISO

A epidemia que tem grassado com tanta intensidade em Paris, pondo em desordem todos os serviços, não só nos priva hoje da CHRONICA do nosso director Mariano Pina, que há quinze dias se perseguiu pela terrível influenza, — mas até nos impossibilita de distribuir hoje a todos os nossos Assignantes o frontespício e índice respectivos ao 6.º volume da ILLUSTRAÇÃO, que finalizou com o passado numero da nossa revista. Serão distribuídos com o proximo numero, — pelo que pedimos mil desculpas a todos os Assignantes da ILLUSTRAÇÃO.



## POEMAS D'UM NEVROTICO

MARIO DE BOBIO

N'Bruxa Estrela, influíndora d'este livro  
*Kyrie eleison!*  
O vento reza a sua antiphona...  
Soluça o mar... *Kyrie eleison!*

Nunca te vi, meu sonho! mas que importa?  
Tu não és para mim um sonho apenas,  
Uma nevrose, uma esperança morta.

Como um bando de rosas e acucenas  
Que deixassem no ar [Deus lhes desse azas!]...  
O perfume sábil das suas pênnas.

Assim o amor estranho em que me abraças  
Vam de tão longe reanimar-me as crenças...  
E a Crença é como o ólibano entre as brasas...

O mar suspira... O vento canta  
Uma tristeza canção...  
Embora! ao largo o coração!

Perco a terra de vista... Brumas densas  
A separam da líquida planura.  
Ficam longe os miasmas, as doenças,

Ódios, traições, — toda a miseria escura  
Que me aguarda outra vez... Ah! se eu ficasse...  
Côr da esperança é esta sepultura.

Não que o teu doce amor me abandonasse:  
Mas só aqui, ao som d'esta harmonia,  
Posso falar contigo, face à face.

Aguas verdes, cheirando a marezia...  
Na mente mais visões... no céu mais astros...  
E lá em terra que monotonial!

E' alli que eu trago o espírito de rastros...  
E também lá o sopro das tormentas.  
Ao baixel da Chimera abate os mastros.

Bem hajás tu, ó mar, que me acalentas  
Com teus barbares hymnos grandiosos,  
Que as nuvens andam a escutar; sedentas!

E tu, sol dos meus dias procellosos,  
Tu, refúgio das almas transviadas,  
Amor! bem hajam teus clarões piedosos!

Oh! como o vento canta e chorar  
A sua lugubre canção!...

Elle canta nas vozes ensuadas,  
E o yacht gentil inclina o flanco  
Sobre as ondas de espuma engrinaidadas.  
Depois, galgando-as n'um airoso arranço,  
Sacode o pavilhão que à ré fluctua,  
Da cér do firmamento, azul e branco.  
E enquanto eu phantasia a imagem tua,  
Vae-me embalando o merencorio som  
D'esto concerto, em que o desejo estua.

E o vento geme como a onda:  
*Kyrie eleison! Christe eleison!*

Senhore, tem compaixão de nós! *Kyrie eleison!*  
Eu, que invocam sempre os naufragos afflictos,  
Tem piedade de nós, Jesus! *Christe eleison!*

Mas, porque chora o mar, como os prescriptos?  
Que magoa opprime a natureza inteira?  
Porque este cérdo de plangentes gritos?

Se tudo vai correndo após a estreia  
D'um legaz ideal, ó Natureza,  
Não souoinda a hora derradeira!

Batida da tormenta em fúria acesa,  
Breve se errica a juba do oceano.  
E o captivo leão terá sua presa.

De nada vale um desespero insano.  
A paixão torna o espírito sombrio,  
Mas a esperança é allívio soberano.

Quando me assalta a descrença o frio;  
Ante os carinhos d'esta Mãe amavel  
Eu recobro o meu animo... e confio.

Oh! adorada mãe, *Mãe admiravel!*  
De teus seios eburneos se desprendem  
Torrentes de voluptu incomparável.

São teus olhos suavíssimos que accondem  
Estes clarões d'a tua phantasia,  
E a dor que busca naufragar suspendem.

E' teu sorriso o Verbo que nos guia,  
E a Torre de marfim teu corpo angusto,  
— Corpo que eu de mil beijos cobriria.

E' teu sangue real, teu sangue adiusto,  
Que no espírito em ondas se desata,  
Quando vacila o coração robusto.

E assim, como a visão que me arrebatou  
Nutro de ti meus versos gloriosos,  
*Mãe inviolada, Mãe intemerata,*

Que os olhos fitas n'este amor, piedosos!

Corre a noite seu véu pela amplidão...  
E' esta a hora dos desejos vagos...  
Hora solemn da recordação!

Sim, é tu! que eu bem sinto os teus afagos!  
Sois vós minhas saudades reprimidas,  
Intimos prantos, crystallinos lagos

Onde vejo com magoa reflectides  
Todas as sombras que animei our' ora,  
Todas as minhas illusões perdidas!

Hoje... quem sabe? As lagrimas da aurora  
Orvalham sempre novas sepulturas...  
O' tristes ondas, soluções agora!

Mas o vento susteve as amarguras;  
E o mar, exhausto d'uma lucta ingloria,  
Mudo contempla as célicas alturas.

Viu em sonho os trofeus d'uma vitória...  
Supliciou e gemeu... mas a agonia  
Destruiu-lhe essa imagem transitoria.

Sombra e silêncio!... funda calmaria!...  
E o meu olhar absorto, extasiado,  
Fitá as constelações do Meio dia...

Já no extremo horizonte dilatado,  
Acheron sobre as ondas apparece,  
E o Indio surge, com a flecha armado.

Fomalhôt mais alta resplandece,  
E a Corôa do Sul tranquillamente  
Nas águas lisas fluctuar parece.

Ergue Rigel seu vulto no oriente;  
Vae subindo Bellatrix, e Aldebara  
Trémula espurge o seu clarão ardente.

A oeste o firmamento é uma seara  
Luminosa, phantastica, infinita...  
Messe de estrelas, qual a mais preclara.  
• La fulgura Deneb e a luz se agita  
De Altair, a formosa entre as formosas...  
Vega, mais pura, tambem lá palpita.

E a minha alma vencida como as rosas  
Que o nordeste beijou, cão moribunda,  
Contemplando as esferas luminosas.

Aspiração! que és tu, ancia profunda?  
Quando o espírito ousado se desvela  
Por atingir-te, é quando mais se afunda!

Mais... e sempre... E esta angustia hei de bebê-la,  
E, como o oceano, a dor suffocaré!  
O' meu senho e meu norte, unica estrella.

Nunca te vi! Ah! nunca te verei!

Findou n'um grito esta canção...  
E eu sinto morto o coração.

NARCISO DE LACERDA.



## AS NOSSAS GRAVURAS

O novo anno

O TEMPO, o velho e barbudo Tempo da lenda, de pé, a sua elevada estatura descancando-se sobre um fundo radiante d'aurora, feroz e rápido na sua carreira sem fim, desde o primeiro degrau do Anno que começo, e nos seus braços estendidos, mostra-nos o novo anno, representado n'uma criança que parece um d'aqueles risobos bambinos que se veneram nas capellas d'Italia.

Tudo é mistério. Nem a fronte grave do velho, nem a máscara que cobre o rosto da creança, nem mesmo a saudação que nos envia, nada deixa advinhar o que pode conter 1890, de promessas ou de ameaças...

Nós esperamos e desejamos do fundo do coração, que esta saudação seja um feliz preságio para todos os nossos leitores e para todos os nossos colaboradores; e que elle vaticine a realização de todos os seus desejos, e o cumprimento das sonhadas felicidades.

E desejando, com o novo anno, as maiores venturas aos nossos leitores e aos nossos colaboradores; que as damas tenham sempre em abundância, flores, toilettes, joias e bailes, e uma frescura e uma mocidade imparcossíveis; que os homens tenham sempre boa mesa, bons livros, bons charutos, e boas notas do banco; — nós desejamos também nunca desmerecer as sympathias do público, e que a ILLUSTRAÇÃO continue vida prospera, como teve durante os seis annos que acabam de finalizar.

A encantadora allegoria do novo anno com que abre este setimo volume da ILLUSTRAÇÃO, traz a assinatura de Jacques Wagrez. É o nome d'um delicado pintor, da escola de Luc Olivier Merson, que se inspira da Renascença na decoração das suas pinturas. Encontramo-lo as mesmas brilhantes quali-



RUY BARBOSA.  
MINISTRO DA FAZENDA.

dades; no belo desenho à pena que hoje nos serve de frontespício.

#### Os acontecimentos do Brazil

A ILLUSTRAÇÃO continua no presente número a série dos seus documentos artísticos acerca dos acontecimentos que se passaram no Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro, quando rebentou a revolução que aboliu a monarquia e proclamou a República.

As gravuras que hoje publicamos devemol-as a elementos particulares que nos foram comunicados do Rio de Janeiro, pelos nossos amigos Eduardo Garrido, o espíritooso autor dramático, e José de Mello, o nosso activo e sympathético correspondente na capital fluminense. Esses elementos cedemol-os ao nosso prezado colega parisiense, *Monde illustré*, que, graças à actividade dos seus colaboradores, os pode dar a lume no dia 21 de dezembro findo. Eis por que não puderam apparesser no nosso passado numero.



BRAZIL. — O PALÁCIO DE PETRÓPOLIS.  
(Residência de verão do Imperador.)

As primeiras gravuras representam o palácio de Petrópolis onde se achava o imperador e toda a família imperial quando tiveram notícia da revolução; e o palácio de São Christovam, residência do imperador no Rio de Janeiro, e onde o imperador recebeu a proclamação do marechal Deodoro da Fonseca, onde lhe era anunciada a abolição da monarquia, e a proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

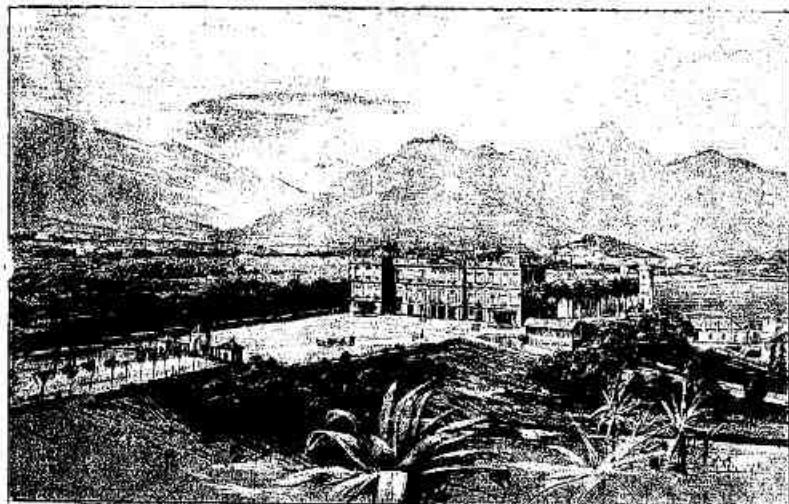
Outras gravuras representam o atentado contra o barão de Ladário, ministro da marinha do governo imperial; e a proclamação da República, em frente do quartel general do Rio de Janeiro.

O atentado contra o barão de Ladário — se tentado sa lhe pode chamar — teve lugar no dia 15 de novembro, dia da revolução. O ministro da marinha saiu pela manhã, cerca das oito horas, do quartel general do Rio, para dar ordem às tropas para resistirem contra os choques da revolução. Neste momento chega um oficial da parte do marechal Deodoro, para prender o ministro. Este tira d'um revolver, e faz fogo contra o oficial. Immediata-

mente chega o marechal Deodoro da Fonseca para prender o barão de Ladário, e este dispara outro tiro contra o marechal. Então os soldados que seguiam o marechal Deodoro da Fonseca desfecharam contra o barão de Ladário, deixando-o gravemente ferido.

Eis a única cena de sangue provocada pela revolução brasileira. E decreto não se teria dado, se o barão de Ladário se tivesse submetido ao movimento revolucionário, com a mesma bonomia com que o fizeram outros ministros do imperador, que só depois de se apanharem sãos e salvos na Europa, é que se mostram terríveis contra aquelles que proclamaram a República no Brasil.

Para completar a série dos retratos dos homens politicos do Brazil agnra mais em evidencia, publicamos os retratos dos srs. Eduardo Wandenkolk, ministro da marinha; dr. Aristides Lobo, ministro do interior; e dr. Demetrio Ribeiro, ministro da agricultura; — assim como repetimos o retrato do sr. dr. Ruy Barbosa, atendendo a que pelos documentos que recebemos agora do Brazil, o retrato



RIO DE JANEIRO. — O PALÁCIO DE SÃO CHRISTOVAM.  
(Residência do Imperador.)



EDUARDO WANDENKOLK.  
MINISTRO DA MARINHA.



A REVOLUÇÃO BRAZILEIRA. — ATENTADO CONTRA O BARÃO DE LABARÉO.



A REVOLUÇÃO BRAZILEIRA. — PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO DIA 15 DE NOVEMBRO.

que do S. Exa. publicámos no numero da Ilustração de 5 de dezembro findo, muito pouco se parece, por ser tirado d'uma má photographia.

Os retratos que hoje publicámos foram todos esculpidamente desenhados d'uma folha lythographia.



Dr. Aristides Lobo  
Ministro do interior.

púlo que apareceu no Rio, e onde se viam as physionomias de todos os membros do governo provisório.

Com os retratos do sr. Eduardo Wandenkerke, ilustre oficial da marinha brasileira; do sr. dr. Demetrio Ribeiro; e do sr. dr. Aristides Lobo, antigo republicano radical, jornalista político dos mais apreciados do Brasil, — julgamos ter dado uma sé-



Dr. Demetrio Ribeiro  
Ministro da agricultura.

rie de curiosas e importantíssimas gravuras, para satisfazerem cabalmente a curiosidade dos nossos leitores de Portugal, assim como de muitos dos nossos leitores das províncias do Brasil.

E outros documentos que formos obtendo do Brasil não deixaremos de os dar nas páginas da ILUSTRAÇÃO.

#### Os meses ilustrados. — Janeiro.

Os nossos leitores fizeram há annos um tão sympathico acolhimento a uma série de meses ilustrados por Giacomelli, enquadrando deliciosas e delicadíssimas poesias de nosso querido e brilhante colaborador Jayme de Seguier, — que nos parecerá interessante solicitar d'um outro artista parisiense uma nova interpretação dos doze meses do ano.

D'esta vez não queremos que o artista estivesse prezo à ideia do poeta, ou vice-versa. Deixámos an artista toda a liberdade da sua phantasia, devolvendo-o inspirar-se de natureza, procurando traduzir pelo lápis o carácter, o tipo pitorresco, de cada mês.

N'a sua composição de Janeiro domina um voo de patos bravos, cuja silhueta se recorta sobre um céu cinzento e sombrio d'inverno. Os ramos e os braços descarnados das arvores enquadram uma laguna, que

o globo cobre d'uma camada espessa; e na paisagem fria e desolada, onde tudo responde silêncio e tristeza, nada ha onde palpitar a vida, a não ser no voo precipitado d'essas aves que ataviam rapidamente o espaço, em busca d'outros climas.

Talvez que alguma d'ellas não atravessasse a laguna solitária, porque decerto algum caçador oculto está proximo, à esperar das aves que passam, batidas dos ventos e das neves...

O autor d'este pitoresca composição, como das outras que se vão seguir todos os meses, é o sr. Habot-Dys, um novo colaborador artístico que a ILUSTRAÇÃO passa a contar como seu colaborador efectivo.

Nós esperamos que os seus mezes ilustrados encontrem junto dos nossos leitores o mesmo acolhimento benévolo, e despertem o mesmo interesse, que a outra série que em tempo publicámos, e que trazia a assinatura de Giacomelli — o delicado desenhador das aves.

As composições do sr. Habot-Dys confiamos-as ao buril do notável gravador parisense F. Méaulle. O seu nome é a melhor garantia do modo como a gravura reproduz fielmente e brilhantemente o desenho do artista.

#### Chegada de D. Pedro II a Lisboa

No passado numero da ILUSTRAÇÃO publicámos os retratos de toda a família imperial, que chegou a Lisboa, a bordo do *Alagoas*, no dia 7 de dezembro. Esses retratos eram seguidos d'uma larga notícia da receção que foi feita no sr. D. Pedro II e a família imperial, por S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I, e pelo governo português.

Parece-nos portanto escusado repetir o que escrevemos no passado numero. Essa notícia, para a qual chamamos a atenção dos nossos leitores, é hoje admiravelmente completada pela gravura que reproduz o desembarque do sr. D. Pedro II, quando a galéria real chega ao porto do ministério da marinha.

O desenho do nosso colaborador Gerardin foi feito sobre uma photographia instantânea do sr. A. Bobone, o distinto fotógrafo lisbonense que se achá hoje à frente do magnífico atelier Fillon.

O sr. Bobone, por pedido do nosso director Mário Pina, aceitou o encargo de ser correspondente em Lisboa do *Monde Illustré* de Paris, e por consequência da ILUSTRAÇÃO, atentando às relações íntimas que ligam a nossa revista ao grande jornal parisiense.

D'aqui lhe agradecemos sinceramente a photographia instantânea que nos mandou para Paris, e que deu assumpto para a página que hoje publicámos, e que ficará como um dos mais interessantes documentos para história do reinado do sr. D. Pedro II.

#### A estatua de Balzac.

A cidade de Tours, patria de Balzac, antecipou-se a Paris na elevação d'uma estatua ao grande autor da *Comédia humana*.

Em quanto em Paris se reúnem todos os meses comissões e mais comissões de homens de lettras para escolhimento o melhor local para a estatua do romancista, e para estudarem o melhor programma d'uma festa onde se reunam mais algumas notícias de mil francos, necessária para terminar o monumento, — a cidade de Tours encorregiu a sua estatua ao escultor francês Paul Fournier, e inauguru solemnemente sobre a praça do Palacio de Justiça, no dia 24 de novembro findo. Assistiram à esta cerimónia a maire de Tours, que pronunciou um bello discurso; todas as autoridades do departamento; o sr. Larivière, director do ministério das Bellas-Artes; Mlle Dudley, do Théatre Français, que foi expressamente a Tours para recitar uma bella poesia do estatuarista, pris que o sr. Paul Fournier é ao mesmo tempo escultor e poeta, etc.

Não temos espaço para dar aos nossos leitores toda essa poesia, d'uma quase e vibrante inspiração. Passámos a transcrever apenas o final, e que foi acolhido com calorosos aplausos:

O souffle ardent, grand cœur, esprit géant, immense,  
Qui de nos passions nous montera la décence,  
N'ignora rien de l'homme, en ses moindres ébats  
Ni plaisir, ni douleur, ni les rudes combat.  
Qu'il live et qu'il subit sans relâche sur terre;  
Balzac, de ton génie, un monde ent tributaire.  
Là Tournais, ta mère, au fond de sa cité,  
Cielie sur l'airin ton immortalité,  
Et la France, en ce jour de gloire, où l'on t'acclame,  
Veit en ton esprit et reconfort son âme!

Mais adiante publicámos uma bela pagina de Victor Hugo acerca da morte de Balzac, e para a qual chamamos a atenção dos nossos leitores. É a morte do genio da *Comédia humana*, em toda a sua naturalidade, mas descripta com a sobriedade epica do genio que escreveu a *Lenda dos Séculos* e *Notre Dame de Paris*.

A cidade de Tours, além da estatua de Balzac, conta hoje as estatutas de Rabelais e Descartes, e dois monumentos à memoria de duas glórias medievais — Bretommeu e Velpau.

#### Recordações da Exposição

Os últimos acontecimentos do Brasil tecem-nos impossibilitado de dar uma maior extensão ás nossas gravuras da Exposição de Paris, gravuras que continuam a despertar o maior interesse da parte de todos os nossos leitores, pois que constituem o melhor documento histórico que existe om linguagem portuguesa d'esse grande concurso das actividades e do genio humano, no ultimo quartel do seculo XIX.

Hoje mostramos ao público da ILUSTRAÇÃO uma reprodução, da fonte monumental do escultor Bartholdi, que figurava na galeria d'honneur, mesmo à entrada da galeria das máquinas. Esta fonte vai ornar uma praça de Bordeaux. Bartholdi é o mesmo notável escultor que executou a famosa estatua da Liberdade iluminando o mundo, e que se vê à entrada de Nova-York.

Uma outra gravura representa uma dança guerreira dos filhos do Sudan, que também vieram exhibir os seus costumes sob uma tenda da rua do Caïro.

E' mais um documento ethnographico da serie extraordinaria dos expositos que Paris vai desfilar, durante todo o anno que findou, no Campo de Marte e na Esplanada dos Invalidos.

Nos números seguintes, ILUSTRAÇÃO espera terminar a sua brilhante serie de gravuras acerca da Exposição de Paris.

Para esse não fui hesituir em sacrificar algumas páginas de prosa, e ceder o lugar a interessantes composições artísticas dos seus eminentes colaboradores,

#### O TESTAMENTO

#### D'UM MODERNO

**C**OMO é que cada povo fugiu ao mal... O Hindu? por um deliquio no immenso Todo.

O Asiático? pelos prazeres desordenados.

O Egypcio? pelo preconceito da morte, e pelo cuidado do conservatio individual do corpo.

O Judaico? pelo cuidado de agradar a Jehovah.

O Grego? pelos prazeres cívicos, pelas actividades artísticas, pelas prazeres estéticos e amorosos.

O homem da Edade-média? pelas rezas, maceações, e pela esperança d'uma reparação no reino de Deus.

Os nossos espíritos modernos começam a encarar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos,

Os grandes homens sacrificaram voluntariamente a sua existencia individual à vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem a humanidade. Oras esse holocausto é um facto de sagacidade. E' uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma essencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

O protesto actual é mais feliz que o operário da edade media? Os senhores eram para este refúgio que asseguravam a sua existencia, a paz da sua lar. Actualmente, o trabalhador é livre, mas expõe esta liberdade com as faltas de trabalho, com as greves, a incerteza dos salários, as angustias do úmano. O regimen actual, o da concurrença, é uma transição, uma passagem dolorosa, entre o antigo sistema das castas e as sabias organizações que hão de reger o século vinte.

De todos os Deuses do Olympo, o que eu prefiro é Apollo, pois que era elle que presidia à paz, às bellas-arts, à scienza, à *art* em sí — nos dois sentidos, próprio e figurado.

Viver na inferioridade geral, servir-se d'olla em vez de se indignar, assegurar a prosperidade relativa da nação, praticar os compromissos, aceitar as imperfeições, tudo isto vale mais do que implantar violentamente uma constituição philosophica sobre uma nação insuficientemente preparada.

Sejamos modernos. Não imitemos a arte de nossos avós, não copiemos os seus pensamentos; elles foram do seu tempo: façamos como elles.

As corridas representam o exagero, o fim da cavalaria. O cavalo já não serve, como outr'ora, o homem nobre: domina-o.

A mais aristocrática das nossas sociedades d'homens chama-se o Jockey-Club! . . .

O jockey um ideal! . . .  
E muitos gentilmen trazem como joia, sobre o peito, a ferradura do cavalo, o que elle tem debaixo das patas! . . .

Felizmente que o animal não comprehende a abjeção do homem, não conhece este vergonhoso amor! . . .

E preciso não tentar o impossível, é inútil procurar penetrar os segredos acima da nossa natureza. Não imitemos estas creaçoes de que fala Platão, que querem saltar por cima da sua sombra.

No fundo do christianismo, ha o communismo. As primeiras egrejas eram verdadeiros phalanstérios: o convento era o socialismo em acção.

O buddhismo exprime em termos muito inertes o abandono do mundo: « Assim como una gotta d'água, diz Buddha, não fica presa a uma flor do loto; assim também não vos devais prender, nem ao bem, nem ao mal. »

É por isso que o buddhismo não tem o carácter agressivo e violento do Evangelho: não procura a conversão; a sua acção é uma influencia, uma indução negativa, o sonho das energias.

O homem é nada, — a humanidade pouca coisa, — só a terra, é uma totalidade.

A moral é o pequeno sacrifício quotidiano que nós fazemos à nossa felicidade e aos nossos prazeres, para assegurar a felicidade da espécie.

A posse pelo homem da energia terrestre é o facto capital do seculo, o que ficará vis-à-vis dos outros, como senda a sua característica.

Desde os tempos históricos, comparem o carro d'um Pharaó com a locomotiva cujos pistões realizam à vontade o trabalho de 600 cavalos.

Comparem a tirreme fenícia ao apparelho motor d'um transatlântico, que desenvolve 8.000 cavalos e o equivalente de 5000 remadores.

Apesar do que dizem os inutiles sónhadores, achávella uma machina de vapor, admirável o mecanismo d'um steamer.

E estes organismos de precisão, que se movem, que teem quasi consciencia, parecem-me bem mais surpreendentes, mais dignos de commover os corações, que todas as obras da arte antiga.

O engenheiro, o mechanico, o philosopho, diante d'uma machina d'água, deslumbrante e forte, quasi animada, estremecem de alegria, o coração palpita-lhes — pelo mesmo motivo, ou mais legitimamente, que Pygmaeo diante da sua estatua.

Como a historia do mundo é mal feita, — sempre limitada ás particularidades, ás batalhas, aos factos da galanteria ou do ódio! . . .

Guttemberg inventando a imprensa, — Lavoisier dando a teoria da combustão, — Davy decompondo os alcalis, — Faraday liquefazendo o primeiro gaz permanentemente, — Dalton estabelecendo a teoria atomica, — Sauvage ensaiando a sua hilo, — Montgolfier pondendo o pé na barquinha, — Papin notando o jacto de vapor, — Laplace dando a sua Exposição do sistema do mundo, — Leverrier calculando a orbita de Neptuno, — Edison imaginando o telephone, — Pasteur fazendo a sua primeira inoculação d'um virus attenuado, — Berthelot compondo os carburetos d'hydrogenio, etc... não serão acontecimentos mais capitales, sob o ponto de vista da humanidade, do que as datas famosas do reino de Luiz XIV, ou os factos e gestos de Napoleão? . . .

Não acreditam demasiadamente nos grandes homens da historia; pensem antes que elles não são mais do que uma concretização, a synthese do trabalho das nações e dos séculos.

A antiguidade considerou, com uma alma simples, os anhaus humanos, Condensou as suas phrases, os seus sofrimentos, as suas luctas, assuas alegrias, em certos tipos.

Orpheo, Buddha, Hercules, Moisés, Homero, Rómulo, Numa, são talvez em grande parte seres ficticias, em certos tipos.

Jesus é também uma condensação visivelmente artificial das sabedorias antigas, do essenianismo de Platão e Pythagoras, do Egypto e da Ásia.

No mundo moral, como no mundo phisico, a distancia produz deformações de perspectiva, certos agrupamentos irregulares. Grandes focos distintos aparecem, ao longe, como senda a mesma fogeuira; sistemas d'astros reflectem-se, na visão, como sendo uma só estrela.

JEAN REVEL.

## A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI

Um decreto do dia 16 de dezembro ultimo fixou aos 28 do mesmo mês a acclamação do novo soberano de Portugal.

Estão ali indicadas as disposições do ceremonial que deve ser adoptado.

Este decreto em certos pontos liga o actual sistema constitucional com o antigo regimen monárquico; e por isso merece alguns commentarios. Vamos fazê-lo, tanto mais que o sr. D. Luiz desprezou parte das formalidades tradicionaes, e que há já 28 annos (1) que semelhante cerimonia se não realizou em Lisboa.

A acclamação portuguesa lembra o sacro francês menos por parecenças do que por diferenças. Isto é naturalíssimo por que dia respeito ás origens da monarquia em França e em Portugal. Em quanto os puros legitimistas franceses reconhecem nos direitos do principe uma proveniencia divina, os realistas portugueses sabem todos quando, como e por quem, os seus reis foram criados. Quando nos campos de batalha de Ourique, em 1139, ou em Valdeves, em 1140, os soldados portugueses acclamaram rey o seu chefe vencedor, não abdicaram do modo algum os direitos que lhes conferia a parte que elles tinham tomado na luta redemptora.

Mais tarde, foi ainda a nação representada pelas Cortes que elegera rei o principe D. João I, no dia 6 de Abril de 1385.

Em 1650, quando os Portuguezes expulsaram os Hespanhóes, não foi por força que reconheceram os direitos eventuaes da casa de Bragança. Tinham compreendido que a monarquia era uma salvaguarda para a independencia, e acclamaram livremente D. João de Bragança, membro mais ou menos afastado da antiga dinastia portuguesa. Foi só o povo quem tudo fez, e o principe da sua escolha só teve que se inclinar perante a vontade dos seus concidadãos. Quem se não lembra que no momento em que Portugal procurava ansiosamente um homem que personificasse a nação diante da Europa monarchica, D. João IV hesitava? Um dia em que elle interrogava sobre o assumpto sua esposa D. Luiza de Guzman, ouvia da sua boca esta resposta tão alívio: « Antes hum dia Rey que toda a vida duque! »

(1) Auto de levantamento e juramento que os Grandes... e mais pessoas... fizendo... a senhora D. Maria I. (Lisboa, 1780, pag. In-4º). — Todos os menores sobre a acclamação do dia 13 de maio de 1777 são tiras d'esta obra.

Nestas condições os Reis de Portugal não podem ter nem huma pretensão ao *direito divino*, e é para bem lembrar e confirmar o *direito popular* que elles se fazem *acclamar* por uma representação qualquer do povo, — antigamente pelos *tres braços*, hoje pelas camaras dos Pares e dos Deputados.

O decreto de 16 de Dezembro ultimo é conforme com esta tradição.

O novo soberano, D. Carlos, e Dona Amelia de Orleans, sua esposa, revestem o manto real. — Na acclamação da rainha D. Maria I, este manto atingia um comprimento de 22 palmos; era de « tafeta tecido com fio de prata e recamado com lantijos, canutilhos, e palhete » (1).

O infante D. Afonso, irmão do sr. D. Carlos, serve de condestável do reino, apesar de só contar 24 annos de idade. Estamos longe dos tempos em que esta alta função era confiada no septuagenario D. Nuno Alvares Pereira, o herói das batalhas dos Atolciros (1384) e de Alverde (1385).

Don Nuno Alvares, digo, verdadeiro Açoito de soberbos castelhanos. (2)

Encontra-se porém na historia de Portugal um condestável mais moço que o actual. É o principe D. João, — depois D. João VI, — que figurou como condestável na acclamação de sua mãe D. Maria I, em 1777: tinha então 10 annos de idade!

No palacio das cortes construiu-se, como outrora, um trono; e collocou-se ao lado uma credencia com a coroa e o sceptro real, a bandeira real, o estoque do condestável do reino, um crucifixo e um missal.

E' sobre este missal e sobre este crucifixo que o soberano presta juramento. A formula d'esse juramento fixada pela constituição é assim concebida: « Juro manter a religião católica, apostólica, romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição política da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação quanto em mim couber. »

Os principes d'outre' ora juravam d'um modo mais simples e mesmo mais respeitoso do *direito popular*. Diziam, — o sceptro na mão esquerda como em 1889, a mão direita posta sobre o Livro Sagrado: « Juro e prometo com a graça de Deus vos reger, e governar bem, e diritamente, e vos administrar direitamente justiça, quanto a humana fraquezza permite; e vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que pelos Reis Meus e Predecessores vos forão dados, outorgados, e confirmados. » —

Antigamente um ministro secretario de Estado, — hoje substituído pelo presidente da Camara dos Pares, — devia conservar-se de joelhos deante do principe que prestava o juramento.

O alferes-mor, portador da bandeira real, dirigiu-se, terminado o juramento, à varanda central do palacio das cortes. E' acompanhado pelo Rei-d'armas, que grita ao povo: « Attenção! attenção! attenção! »; o alferes-mor acrescenta: « Real! Real! Real! pelo muito alto, muito poderoso; e Fidelissimo rey de Portugal e Senhor dom Carlos I. »

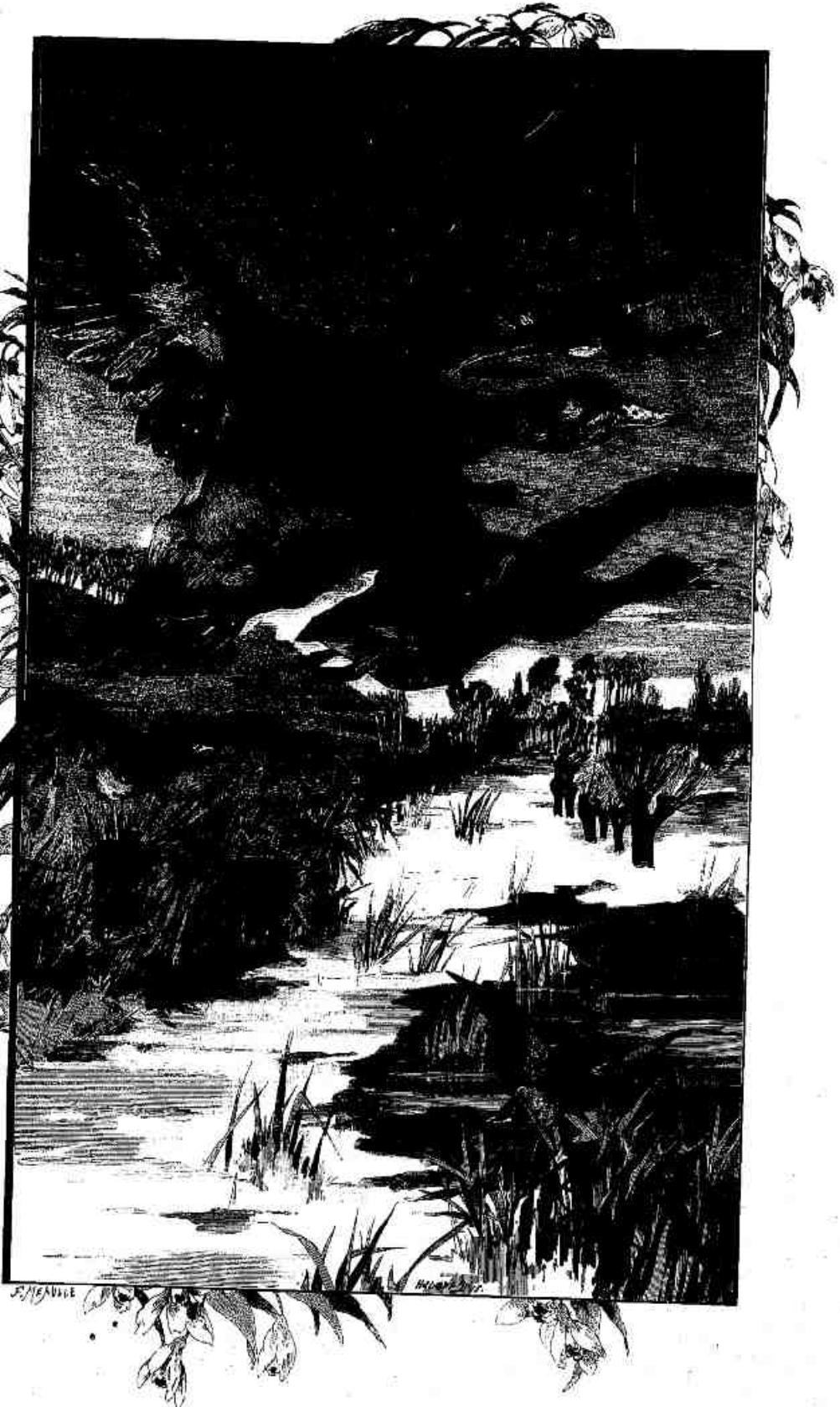
Em 1777, o rei-d'armas Portugal, Antonio Rodrigues Leão, apareceu ao centro da imensa colunata de 32 arcos que ornava a varanda construída por Matheus Vicente de Oliveira na praça do Commercio. O rei-d'armas gritou ao povo: « Ouvide! ouvide! ouvide! estai attento! » e o alferes-mor repetiu: « Real! real! real! pela muito alta, muita poderosa, a Fidelissima Senhora Rainha Dona Maria Primeira, Nossa Senhora! »

Quanto todo isto está longe do espectáculo que deviam oferecer as cortes de Lamégo quando os representantes do povo exclamavam, brandindo as espadas nuas: « Nós somos livres, o nosso Rei é livre; queremos que assim seja para nós e para a sua descendência depois de nós. — Nos liberis sumus, rex noster liber est; ita volumus per nos et per semet ejus post nos! »

Depois da acclamação do novo chefe do Estado, celebrou-se um solemne *Te Deum*. Mas noto que a Missa do Espírito Santo foi suprimida. Em 1777, houve uma missa cuja musica foi especialmente

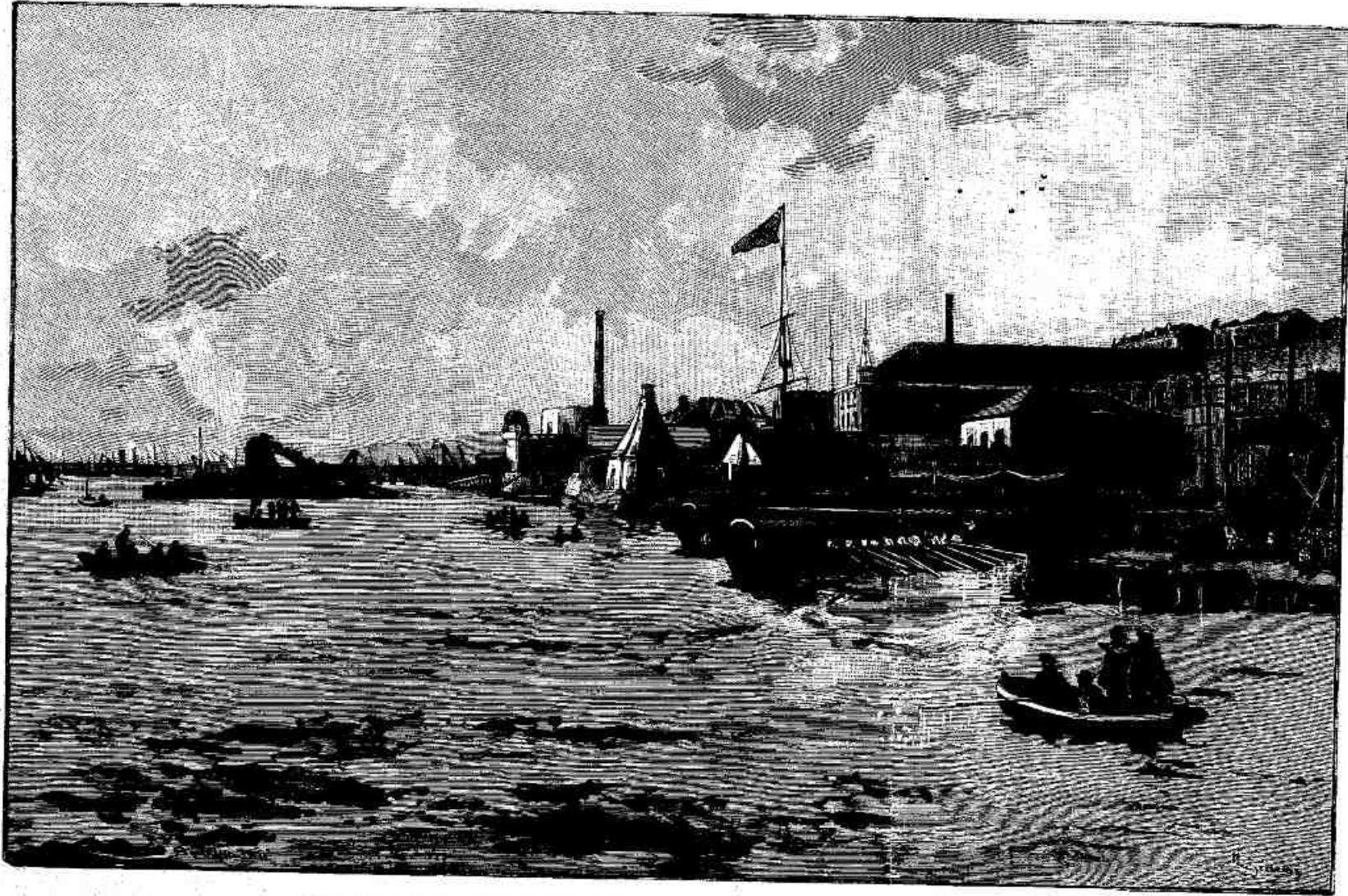
(1) Auto de levantamento e juramento que os Grandes... e mais pessoas... fizendo... a senhora D. Maria I. (Lisboa, 1780, pag. In-4º). — Todos os menores sobre a acclamação do dia 13 de maio de 1777 são tiras d'esta obra.

(2) Camões, Lxx. IV, 24.



OS MESES ILUSTRADOS — JANEIRO.

*Composição de Haberl-Dys.*



LISBOA. — O DESEMBARQUE DO IMPERADOR DO BRASIL, NO DIA 7 DE DEZEMBRO, NO ARSENAL DE MARINHA.  
*(Desenho de Gérardin, segundo uma photographia instantânea do sr. Bobane.)*

escripto por Antonio Leal Moreira, deputado aju-dante dos mestres do Real Seminário.

Também no decreto da actual aclamação se não fala do banquete que era do uso oferecer depois da cerimónia. Na aclamação do D. Maria I, serviu pela primeira vez a « riquíssima e copiosa baixela » feita... na Corte de Paris pelo celebre artista Germain, por especial ordem de El-Rey o Senhor D. José. Lembrarei de passagem que este Rei encarregou a Thomas Germain diversos serviços de prata completos; é por este facto que a corte do Brasil, desde o tempo de D. João VI, possue uma baixela de prata que realmente pertence a corte portuguesa, como lembrava ultimamente o *Correio da Manhã* de Lisboa. E' também por isso que se encontram na Europa as peças d'um bellissimo serviço de *toulette* que foi despoço à chegada de Junot a Lisboa, no começo d'este século; ha muitas destas peças em casa do Exmo. marquês de Gallard, em França, e no palácio de Peterhof, na Russia (1).

O decreto de 1889 não mencionava o lugar que devia ocupar a Senhora Dona Maria-Pia, viúva do Sr. D. Luiz : em 1777, a Rainha-Mãe assistiu à aclamação da sua filha, mas de dentro d'um camarote fechado.

Deixei de lado muitos detalhes da cerimónia da aclamação, omitti a citação dos numerosos personagens que ali devem figurar, o mordomo-mor, o estabeiro-mor, os moços fidalgos, os vêdors, etc., funcionários d'outros tempos que nos trazem à memória todas as glórias do velho Portugal.

O que eu desejei fazer notar, foi que esta pomposa cerimónia deve lembrar unicamente ao princípio os deveres que a sua elevação ao trono lhe traria para com a nação, que renovava o contrato synallagmatico firmado outrora entre o povo português e a casa real. Desempenhando voluntariamente o papel do escravo nos triunhos da Roma antiga, grito, como este, aquél que poderia embriagar-se com as glórias da aclamação : *Lembra-te que és homem!*...

L. CARDOSO DE BETINHO COURT.



## MORTE DE BALZAC

**A** 18 de agosto de 1850, minha mulher que tinha saído durante o dia para visitar madame de Balzac, disse-me que o snr. de Balzac estava a morrer. Balzac sofria havia mais de oito meses de uma hypertrofia de coração. Depois da revolução de fevereiro, tinha ido à Russia e lá casado. Alguns dias antes da sua partida, encontrei-o no boulevard; já andava queixoso e respirava com dificuldade. Em maio de 1850 voltou a França, casado, rico e moribundo. Quando chegou, já tinha as pernas inchadas. Consultou quatro médicos: auscultaram-no. Um d'elles, Louis, disse-me a 6 de julho: Não vive seis semanas. Era a mesma doença de Frederico Soullie.

A 18 de agosto meu tio, o general Luiz Hugo, jantou comigo, em minha casa. Apenas me levantei da mesa, dei-lhe e tomei um trem, que me conduziu ao bairro Beaujon.

Era ali que morava Balzac. Tinha comprado o palácio do snr. de Beaujon — alguns edifícios baixos, salvos, por acaso, da demolição; mobiliara aquelas casebres e tornara-nos n'uma habitação encantadora, com porta para carruagens do lado da avenida de Fourtunée, tendo por único jardim um pátio comprido e estreito, onde a calçada era sólida e ali interrompida por alegre-

Toquei à campainha. Havia luar velado de nuvens. A rua estava deserta. Não veio ninguém à porta. Bati segunda vez. A porta abriu-se e apareceu-me uma criada com um cestinho na mão. O que quer o senhor? perguntou ella. Estava a chorar.

Disse o meu nome. Mandaram-me entrar para a sala, que era no rez do chão, e onde vi sobre um busto fronteiro ao fogão um busto colossal de Balzac, feito de mármore e obra de David. Estava uma vella accessa sobre uma rica

(1) *Figaro*, de Paris, n.º 10, sept. 1888.

meza oval, posta no meio da sala, e cujos pés eram seis estatuetas douradas, do mais lindo gosto.

Appareceu outra mulher, também a chorar, e disse para mim:

— Está a morrer. A senhora recolheu-se agora ao seu quarto. Desde hontem que os médicos o abandonaram. Tem uma chaga na perna esquerda. Começou-lhe a gangrena. Os médicos não sabem o que fazem. Dizem que era uma hidropisia lardacea, uma infiltração, foi a palavra que disseram, que a pele e carne estavam como o toucinho, e que não se podia fazer a punção. Pois no mez passado quando o senhor ia deitar-se tropeçou n'um móvel todo cheio de ornatos, esfolou a pele e escorreu-lhe toda a água que tinha no corpo. Os médicos ficaram admirados, e d'aquelle dia em diante fizeram-lhe a punção. Disseram consigo: Imitemos a natureza. Mas appareceu-lhe um abscesso na perna. O snr. Roux é que o operou. Hontem foi levantado o aparelho. A chaga, em vez de ter supurado, estava encarnada, secca, escaldando. Os médicos disseram então: Está perdido; e não voltaram cá. Foram chamados uns quatro ou cinco, mas não apareceu nemhum. Todos responderam: Não ha nada mais que fazer. A noite passou-a o senhor muito mal. Hoje, de manhã, às nove horas, já não faltava. A senhora mandou chamar um padre. Veio e deu ao senhor a extrema uncão. O senhor fez sinal de que percebia. Uma hora depois apertou a mão à irmã, a snr. de Survile. Das onze horas para cá tem estado com o estetor e não vê nada. Não passa d'esta noite. Se quizer, vou chamar o snr. de Survile, que não está ainda deitado.

A mulher deixou-me só. Esperei alguns instantes. A luz da vela alumia escassamente a esplendida mobília da sala e os quadros magníficos de Pousen e Holbein pendurados nas paredes. O busto de mármore erguia-se vagamente no meio d'aqueila sombra, como o espectro do homem que ia morrer. Havia por toda a casa um cheiro a cadáver.

O senhor de Survile veio fallar-me, e confirmou tudo o que a creada tinha dito. Pedi para ver Balzac.

Attravessámos um corredor, subimos uma escada forrada com um tapete vermelho e arrulhada de objectos de arte, jarras, estatuas, quadros, credencias com esmaltes, depois outro corredor, e vi uma porta aberta. Senti um estertor forte e sinistro. Era o quarto de Balzac.

Havia um leito no meio do quarto. Um leito de acaju que tinha nos pés e na cabeceira travessas e correias a indicarem um apparelho de suspensão destinado a mover o doente. Balzac estava na cama, com a cabeça descansada sobre um montão de almofadas, a que tinham juntado os coxins de damasco do sopha. Tinha a cara arroxada, quasi negra e inclinada para a direita, a barba por fazer, o cabello grisalho cortado rente, os olhos abertos e fixos. Via-o de perfil. Assim, parecia-se com o imperador.

Uma velha enfermeira e um creado mantinham-se de pé, aos dois lados da cama. Havia uma lamparina acesa por traz da cabeceira em cima de uma meza, e outra sobre uma commoda, ao pé da porta. Na meza da cabeceira estava um vaso de prata. O homem e a mulher permaneciam calados, como que dominados pelo terror, e escutavam o ruído estertor do moribundo.

A lamparina de ao pé da cabeceira projectava viva claridade sobre um retrato de homem novo, corado e risonho, pendente da parede junto do fogão.

Exhalava-se da cama um cheiro insuportável. Levantai a roupa e peguei na mão de Balzac. Estava coberto de suor. Apertei-a. Não correspondia nada à pressão.

Era o mesmo quarto onde eu o tinha visto um mez antes. Nesse dia estava alegre, cheio de esperança, crente na cura, e mostrando a fir-

a inchação. Tinhamos conversado muito e falado em política. Censurava-me a minha demagogia ». Balzac era legitimista. Dizia-me: « Como pôde renunciar com tanta serenidade ao título de par de França, o mais bello depois do rei de França ! »

Dizia-me também: « Tenho a casa do snr. Beaujon, menos o jardim, mas com a tribuna sobre a capella da esquina da rua. Ha na minha escada uma porta que dá para a igreja. Basta mandar abrila para assistir à missa. Prefiro a tribuna ao jardim. »

Quando me despedi, acompanhou-me até à escada, andando com dificuldade, mostrou-me a porta, e gritou para sua mulher :

— Mostra principalmente a Hugo todos os meus quadros.

A enfermeira disse-me : « Morre ao amanhecer. »

Sabi levando no pensamento aquella physionomia livida; ao atravessar a sala, tornei a dar com os olhos no busto immóvel, impassível, ativo, vagamente radiante, e comparei a morte com a immortalidade.

Quando cheguei a casa era um domingo — encontrei muitas pessoas à minha espera, entre elles Riza-Bey, encarregado de negócios da Turquia, o poeta hespanhol Navarrete, e o prof. cripto italiano Arrivabene. Disse-lhes : « Meus senhores, a Europa vai perder um grande espírito. »

Morreu n'aquella noite. Tinha cincuenta e um annos.

VICTOR HUGO.

## A TOALHA DE CRIVO

[CONTO BRAZILEIRO]

**F**ICA entre verdes colinas, passarinhos, e flores, a freguezia das Dóres, no fim, dos sertões de Minas.

Muitos annos são passados que essa obscura freguezia duzentos fogos teria, muito por alto contados. Gente que mais se accommoda nunca se viu n'outra villa ; agita-a e desunil-a nem a política pôde. E como dar-se o contrario? A população devota não vota n'um candidato sem consultar o vigario ! Aos domingos, sem que um critico sobrem parochio reprove, depois da missa das nove ha sempre sermão politico. Por isso, cada habitante é do partido do padre, e este, embora o mundo ladre, é sempre dominante. E graças a tão profundo sistema, é que a freguezia está de perfeita harmonia com Deus e com todo o mundo.

Da polícia, o delegado, envolvidinho com a vara, de vez em quando prepara lá um ou outro atestado. E nessa formalidade, cavaco do honrado ofício, cífra-se todo o exercicio da sua longa auctoridade.

Porém o que, sobretudo, dos outros povos distingue povo tão pouco belingue é crer, em tudo e por tudo, que diga o parochio velho embora diga tolice. E' como se a gente ouvisse falar o proprio Evangelho !

II

Agora o meu conto :

Ha cousa de seis mezes se enterrava certo donzense, e deixara gravida a pobre da esposa.

Entre nuvens de alfazema, Maria teve uma filha, melindrosa redondinha, que prometia um poema.

Mas, decorridos uns dias, fica doente a pequena : maternas tetas não chucha; descem-lhe as palpebras frias.

A indefectível parteira incontinente chamaram :

— Quebranto que lhe botaram! diz a velha curandeira.

A mãe, debulhada em pranto, roga a Deus que ao anjo accudo, e pede à « comadre » arruda para tirar-lhe o quebranto.

Asneiras não eram ditas, entra na casa um sujeito, homem grave e do respeito, que tem maneciras bonitas. É um médico da roça, Esculapio de encommenda, que, de fazenda em fazenda, os obituários engrossa. A vontade dos fregueses o referido charlatão é alopata, homópatha e desímetrico às vezes.

— Passai aqui por acaso... Deixe-me ver a menina, diz elle. E' tão pequenina! Quero estudar este caso...

De despeitada, a parteira os labios n'um riso ajusta. Mal sabe ella como é justa essa curva zombeteira.

Ausulta o doutor; discorre; e, afinal, abre a botica.

Mas a creançã immóvel fica. Abre os olhos... e morre.

A mãe, coitada! não sabe que está morta a pequenita... Dizem-lh'o: não acredita que um sonho assim lhe desabe!

E grita com voz sonora: — Se me dás este anjo vivo, tens toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora!

### III

Enche-se a casa de gente. Visitas e mais visitas! Casas as mais exquisitas entram animadamente...

Fazem berreiro as mulheres.

Só não chora uma visinhã velha, mas muito velhinha, que diz à mãe:

— Que mais querés? E' bem feliz, minha rica? Pois é uma felicidade quando elas van n'este edade e n'este mundo não ficam!

Oh! criatura seródia, que a Morte esqueceu no mundo, tens, do espírito no fundo, mais egoísmo que prosodia!

Maria também não chora, e a todo instante começa a repetir a promessa que fez à Nossa Senhora.

### IV

Uma visinhã caridosa o cadaversinho beija e deixa-o n'uma bandeja cheia de folhas de rosa. A bandeja é transportada para cima de uma mesa, e vem uma vela accessa pelo vigário mandada.

Hirto, branco, ensanguentado, com seu plendor de preta, as alminhas arrebata um Christo crucificado. Do cadáver o olhar fixo a todos estar parece acompanhando prece, cravado no crucifixo.

### V

Eis que chega a hora do enterro. Já está metido o corpinho n'um pobre caixão de pinho, com quatro argolas de ferro.

Com ar de muito critério, todas de vestidos brancos, quatro meninas aos trancos, condizentes ao cemiterio.

Na frente, o nedio vigário os passarinhos espanta, pelo vigor com que canta o latim do seu breviário.

Quando o caixão, entretanto, os umbraes transpõe da porta, Maria tudo suporta sem despedir de pranto, dizendo com voz sonora: — Se me dás este anjo vivo, tens uma toalha de crivo, ó minha Nossa Senhorinha!

### VI

Passou-se um anno, leitores.

Na matriz branca e modesta realizou-se hoje a festa da Santa Virgem das Dores.

De petais recamada, por baixo da Eucaristia, vé-se a toalha de Maria perfeitamente engomada.

Não chega pras encomendas o parecho atencioso, que a todos mostra, garbosos, o trabalho das rendas.

Bimbalha o sino festivo. C'um oíhar doce e

magoado, a virgem, do altar dobrado envolve a toalha de crivo.

### VII

Entra na igreja a viúvinha, e vem com ella a parteira, que traz, muito prazenteira, so colo uma creançã. Ao seu encontro apressado vai o padre soridente...

Enche-se a igreja de gente. Celebra-se o baptizado.

### VIII

Dirige-se para a porta o povo, mas o vigário o silêncio de sanctuário com estas palavras corta:

« Meus filhos! Nossa Senhora fez piedosa maravilha, ressuscitando esta filha que baptizamos agora. Esta creançã rosada é — misterioso arcano! — a mesma que, faz um anno, foi morta e foi sepultada! A propria virgem um dia o milagre anunciou-me, por que eu salvasse o bom nome ali de dona Maria. Fique, portanto, iniciado o povo que esta menina foi, por bondade divina, concebida sem peccado. E porque de peçonhentos não seja mais tarde vítima, vou como filha legítima, põe-a nos assentamentos. »

### IX

Contra o caso extraordinario protestar ninguém lá ousa, pois a verdade da cousa só sabe a mãe... e o vigário.

E ahí está contado o motivo, ahí está, meus caros leitores, porque a Senhora das Dores teve uma toalha de crivos.

ARTHUR AZEVEDO.



## A MESTRA REGIA (\*)

**A** DEOLINDA na aldeia das Penhas-Negras ressahia, como uma destas sementes que, arrebatadas pelo vento, vão fecundar a sua florescencia, rutilante e nostálgica a distância, em alpestres solidões.

Quando foi criada a cadeira do sexo feminino e a Deolinda apareceu a inaugurar-a com a sua regência, o acontecimento exaltou os soalheiros e o António da Cercia, um Apollo em confronto com os toscos arganxeas do bravio logarejo, como que talhados a enxó, ficou deslumbrado. Depois o seu entusiasmo, effervescento entre libações na tascu do Pisco, chegou a deslinguar-se n'este madrigal sacrilego:

— Oh! rapazes! parece mesmo que a Nossa Senhora da Saude desce do altar-mor para se plantar na cadeira da escola! Enião os olhos, azuis como um céo, são mesmo os da mãe de Deus!

Outro do rancho observou com vil chocarrice — que a mestra e o S. Joãozinho do Reitor fariam um par de galhetas.

A heresia do António escandalisou as femeias sianmésicas da aldeola, e a Deolinda, olhada de soslaio, era assaltada com mordacidades ciumentas.

Maguavam-na os olhares aggressivos d'este semeago sordido e barbaro, cémorocendo n'este

(\*) A ILLUSTRAÇÃO conta hoje mais um novo colaborador literário, — é o sr. Júlio Lourenço Pinto, um escritor da escola realista, sobejamente conhecido do público, e que ocupa um lugar brillante na moderna literatura portuguesa.

Se temos que nos felicitar com a estreia do distinto homem de letras nas páginas da nossa Revista, — que continua francamente aberta a todos os talentos, seja de que escola forem, pois que a ILLUSTRAÇÃO não é a Revista d'um grupo, mas sim a Revista de todos quantos trabalham pelos progressos das lettras patrias.

N. da R.

meio brutalmente hostil; a sua bondade afectuosa e bemquerente precisava de um ambiente benevolo e amorável, e fôrâ d'essa atmosfera propicia melindrava-sa como planta mimosa de estufa que se estiola na asperezza de um clima adverso.

Mas ella exhalava da sua physionomia suave e teria uns effluvios de melancolia tão sympathica, irradiava tanta affabilidade no esplendor dos seus sorrisos insinuantes, a sua voz musical evolava-se para todos tão cariciosamente, era tão meiga para as crianças, que até essas malqueridas ciosas de uma ralé daminhã se fundiram no affecto unânime e irresistivel da populaçao.

Depois nos fragedos que sobrancceavam a aldeia e lhe originaram o baptismo de Penhas-Negras repercurram-se uns vagos rumores da biographia da mestra regia, e esses traços de uma vida aureofada pelo prestigio do infortunio consolidaram a cordialidade, que por fim a envolveu no ambiente acalentador de sympathy necessário á sua vida affectiva.

Deolinda orphana-se de pai e mãe em ternos annos, e n'este desamparo valeo-lhe a confraternidade dedicada dos amigos de seo pai, que fôr jornalista. Educaram-na no Recolhimento das orphãs, e o professorado para logo se indicou naturalmente como a profissão mais adequada á delicadeza do seo organismo e ás suas aptidões intellectuais, e do halito da desventura, que a cresceu logo ao desabrochar a flor da sua infancia, bem como d'este bafo de protecção e dependencia a que se acalentou a sua mocidade, emanaram certamente aqueles laivos de vaga e impressiva melancolia que ressumbravam da sua physionomia bondosa e insinuante e tocavam o coração de enternecimento. Mas para além da serena docura que transparecia no seu olhar azul presentiam-se a firmeza e a energia de que se fazem as heroínas e as martyres.

O entusiasmo do Antonio da Cercia pela Deolinda cresceu com o tempo; mas, se as palpitações do coração virginal da mestra regia alguma vez se acceleraram amorosamente, o seo espírito, esavorido das realidades grossas e chocantes das Penhas-Negras, levantava vôo sereno para o ceruleo firmamento de algum vago ideal. Não repulsou com desabrimientos, destoantes da sua dulcidião, a temiosa perseguidora do apaixonado António; tentava apenas amortecer-lhe ardimentos requestdadores na frieza de uma reserva descoroanante. Mas elle é que não esmorecia na sua contumacia amorosa; o desagrado de Deolinda era talvez brande de mais para lhe penetrar a coriacea rudeza. Pelo contrario esta resistencia deprimente exasperava-o e era uma decepção que o despetivava; a elle herdeiro do mais faro casal das redondezas e o mocetão mais desejado das cachopas do logar. E obstinando-se n'este pensamento fixo, encapellado em paixão tempestuosa, teve um dia um impeto alluciinado na tascu do Pisco.

Commentava-se o pôrto grave e comedido da mestra regia; entrelaçava-se mais uma flor na grinalda das suas virtudes; ella li pisando uma vereda, juncada de lyrios e açucenas, que a levava direitinha ao gremio das ouze mil virgens, e uma voz resumiu a opinião do ajuntamento n'esta phrase:

— Nem isso lhe falta, é uma santa!

Mas o Padre Theodosio, que odiava o parochio desde que o supplantara no concurso á Igreja da sua terra natal, fito das suas aspirações supremas, entrava na taberna, e contestou abruptamente com malevolencia sarcástica e brutal:

— Uma santa!... Talvez, mas já agora a maneira das Magdalenas arrepentidas...

O Antonio exasperado pelo deslinguamento viperino do padre rancoroso, cresceu irado para elle:

— Nem isto lhe escapa! Que tem você que abocanhar-lhe?

— Eu nada — affrontou o padre accentuando

a phrase com intenção mordaz através de um somiso acto de ironia — Mas talvez o padre João o possa informar melhor...

O irascível Antônio arremessou-se num impeto irreprimível. Os do bando interpozaram-se e subjugaram a custo o alucinado moçaito, que se debatia ebrio de colera, vociferando:

— Que o rachão, seu alma do diabo! Quero rebentear-lhe a barriga a pompey! e tirar-lhe pelas trípus a peçonha que traz no corpo excommunicado...

Não era o padre Theodosio de estofo para se arredoriar e ainda menos para se aggravar com a agressão e com as injúrias, e conjecturou logo que esta fogosa paixão seria uma força poderosa, aproveitando habilidosamente ao serviço do seu rancor.

A sabiduría da taberneira acercou-se do seu agressor com perfídia e brandura na voz:

— Não fiquemos mal por isto e amigos como d'amus. Fugiu-me a língua para a verdade, mas sem querer affrontar um amigo. Não fiz bem, confessou o meu peccado; mas, com as maleitas! o mal está feito e agora o remedio é não pensar mais n'isso...

Pelo olhar do virulento Antônio passou um lampião, ao mesmo tempo que o coração se lhe apertava num calafrio doloroso; mas embrenhado pelas doceiras insidiadoras do padre, e já torturado de coisas suspeitas, recalcou a colera, interrogando com aspecto sombrio:



FRANÇA. — Uma estrelita a Baizac.

— Fugio-lhe a língua para a verdade? Então você ainda retinha? Ora ponha para ahi o que sabe...

E a sua physionomia, refrangendo-se mais tórrua e sinistra, dava calafrios!

— Eu não quero levantar falsos testemunhos; mas, com a breca! você acha que é só pela salvação das pequenas que elle não arreia pé da escola? E depois não sou eu só a por malícia no caso; não faltam já murmurações...

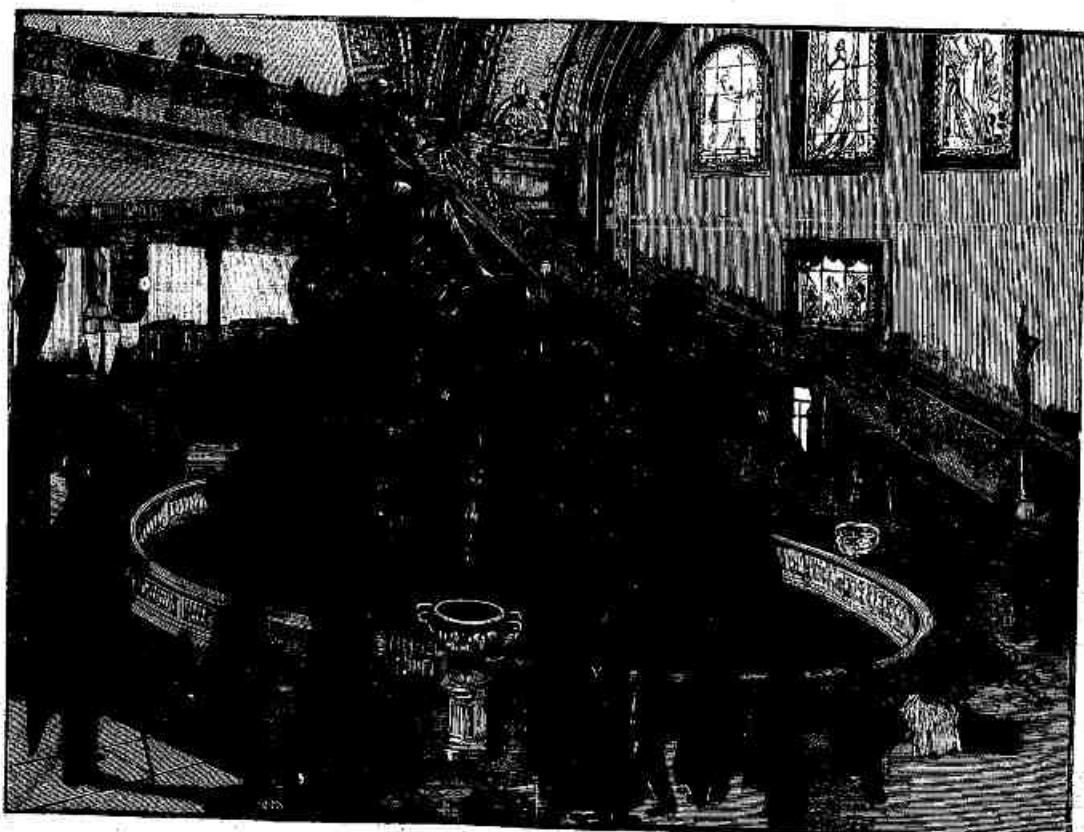
O Antônio forcejava por escutar com serenidade a voz refelada do padre, que lhe insuflava todo o seu ódio contra o parocho; mas sem embargo o semblante demudava-se-lhe medonhamente em contracções patibulares de facinora incubando um crime.

Depois paciuntaram uma conjuração de espionagem, e o Antônio rouquejou com chispas sanguinárias no olhar:

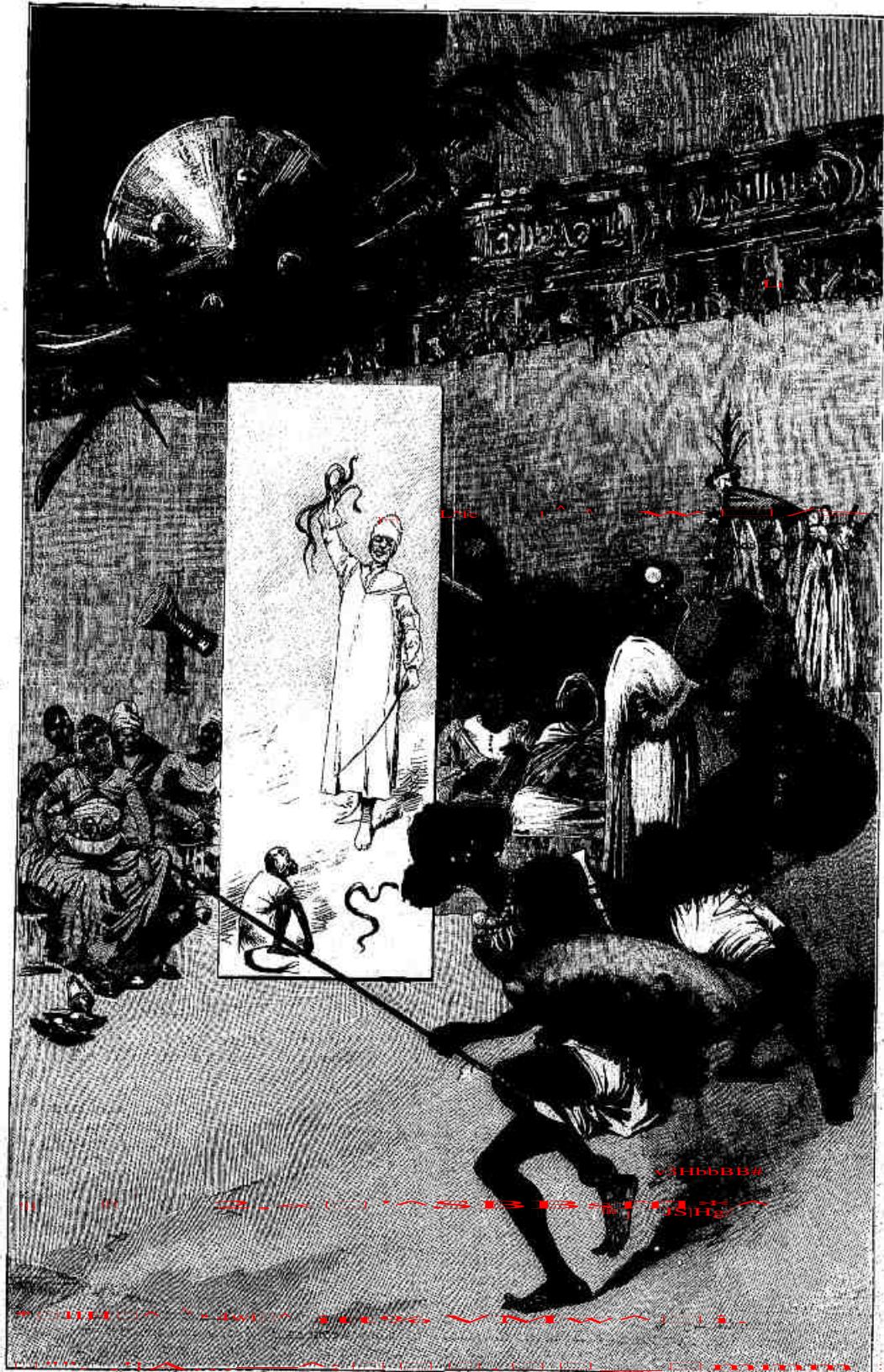
— Se vejo o desafogo com estes olhos que aítoira haddé comer... Oh! padre Theodosio! lembrares-te d'estas palavras aquinteste logar, debaixo d'este sol que nos alumia. Seja eu excommunicado, se a freguezia não houver de ver o que nunca se viu muitas legous em redondo...

O parocho, como a mestra regia, tinha iniciado a sua profissão nas *Pentas-Negras*; havia entre ambos afinidade de situações, discordantes ambas do meio montesinho a que se transplantaram.

O padre João precedera a Deolinda: uns meses, e também elle captivara a população com a sua mocidade in-



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A FONTE MONUMENTAL DE BARTOLOMEU DESTINADA À CIDADE DE BoRDEUS.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS SUDANESES DA RUA DO CAIRO.

sinuante, mas sem o cunho de vaga e sympathica melancolia, como que fatidien e tão impressionadora na mestra regia. A juvenilidade do padre era expansiva, radiosa e fervida de bom humor, e na austerdade ecclesiastica batina seu rosto de ephebo, de uma frescura de nacar, tinha um destaque peculiar, quasi irreverente.

Ordenara-se sem vocação, por condescendência com o pai, que desde o berço afagava a devota ambição tradicional do filho padre.

A aldeia das Penhas-Negras, com a sua barba sertaneja, mortificava-nos nas aspirações à vida larga dos grandes centros, a que habituara durante a ordenação, e onde polita a sua crosta de aldeão. Depois, cahido nas Penhas-Negras mais bravios do que o logrojo natal, esse era sempre o seu polo, fiado da influência em que alcapanharia a sua collação a realização d'este anejo que o impulsinava para os regalos da ciédei dade.

N'esta disposição d'ânimo a nova escola, alvo, recendo como um sol no lobregu antro da sua parochia sob o esplendor da linda Deolinda, era um oasis clemente na aridez de inhospitabilidade, e naturalmente, irresistivelmente, prendendo para este centro de atração como a flor tende para a luz.

Visitava a meudo a aula regia, interessava-se pelo ensino, doutrinava as crianças e prolongava este prazer espraiando-se em prolixas palestras de moral e religião, convencendo-se que d'estante podia ceder ao encanto d'esta convivência sem dar passo à maledicencia com desdouro para o seu ministério.

Deolinda costumava-se com ingenua despreocupação as visitas de jovem reitor; affigurava-se-lhe natural, e até louvável, este fervente interesse pela educação moral e religiosa das suas discípulas, acolhendo com agradecida admiração o paternal entusiasmo do evangélico moço.

Ao abrigo d'esta candida crença cedia também à necessidade d'esta communhão intelectual no meio barbaresco em que se estiolavam, e ambos se deixaram penetrar com intensidade crescente do enlevo d'esta convivência, aquecendo-se na gelida solidão que os cercava ao calor d'esta doce familiaridade, atraídos na magnética corrente de uma afinidade afectiva e mental.

Era sempre acusto queo padrelho se arrancava a fascinação que o deitinha no salão da escola, e as suas visitas amealdavam-se e alongavam-se n'uma quietude embaladora de bem-estar. Como tudo era ali diferente do que ficava fóra dos humbrões d'aquelle eden! Como contrastava a luminosa serenidade d'aquelle recinto com os amuros sordidos habituals pela horta das Penhas-Negras, crassos de imundície, de humidade e de fumo da clareira convivinhos do sacre e da arca, espécie de habitações primitivas sem compartimentos, mal lavadas de ar e de luz, escondendo-se sepulcralmente por postigos rudimentares, e nas quais se vive napromiscuidade escorrosa dos sexos e dos animaes, e na desordem das coxus que persam a cavernosa quadra n'um mixto de tostos utensílios de cozinha, de instrumentos de lavoria, de cestos de vindima, de feixes de palha e de lixos.

Os aposentos de Deolinda eram contiguos à sala da escola; por vezes elle enxergava pela porta entre-aberta uma nesga d'esse interior adorável de arranjo e acoio, vendo a commoda onde destacavam com ordem sobre o credito alvissermo pequenos ornatos, jarras enflocidas, objectos de toilette, o leito de ferro com as roupas lavadas, laboratás de niveos entremouros, o canário vibrante de jucundas volutas na gaiola suspensa entre as cortinas de cretonne mosquedada de florinhas azuis, e elle estremeciu penetrado pelos effluvios deliciosos que lhe vinham d'aquelle ninho virginal.

Ultimamente, ainda depois da sabichá das alumnas, ficava captivo d'esta fascinação, e então a sós é que mais se approximava em comunhão e amoravel intimidade, identificando-

se n'uma perfeita communhão de ideias e sentimentos.

N'estas palestras elle esclarecia-a sobre a indole e hábitos da população, e para viver entre os bárbaros d'este sertão sugeria-lhe avisos e bons conselhos, a que elle sorridente chamava — fazer as honras da casa.

Depois confidenciava-lhe as tristezas do seu exílio, as suas esperanças de libertamento e de melhor futuro, exhortando-a a remir-se também d'aquele captivoreiro.

Deolinda com a resignação das almas bôas e sofredoras, que aprendem no infiernio a conformarem-se com a mesquinha partilha que lhes coube no inventário da vida, replicava:

— Não penso n'isso; vim para aqui resignada com minha sorte; tratam-me bem; são meus amigos e com isso me contento.

— Nunca falar, nunca falar... Muita má gente sobrepujo os da serra...

Com o olhar sombrio indicava as alcantiladas montanhias, que se daviam no horizonte eriçadas de enormes penedas ponteagudas como lanças colossais que esturruassem o céu, lembrando um cinto de muralhas cyclopicas, baluarte de titãs, ameaço aquí, tornado além. Depois, espraiando-se em formigueiros, afirmava que os monanthetes eram tão bravios como os lobos que com elles povoaçam a terra, habitando em chougas esquilitas, rudimentos como cavernas de trogloditas, unhas encravadas, como ninhos de aguias, nas rochas que figuram despender-se em abismos formidáveis, outras soterradas no fundo de escarpados despenhadeiros, donde os mortos só podem sair içados a corda.

E a terra tem lendas e tradições pavorosas — prossegia o padre João com acento lugubre. — Uma vez n'um d'esses caserões, entulhados entre rochedos talhados a pique, praticou-se um homicídio. O assassino esfalfava-se a içar o cadáver, mas ao cabo da tarefa lhe fraquejou, e algos e victimu envecelharam-se, rolando abraçados no abismo. Os serranos, encontrando os cadáveres engarimpados, acreditaram que o assassino se vingara, agarmando-se ao assassino e precipitando-se com elle no despenhadeiro.

Deolinda ouviu gelada de terror esta narração exclamando:

— E' horrível! e horrível! Confesso que tenho medo agora de viver entre tal gente.

Então o padre João tranquilizava-a-protectivamente. Estava elle ali para a defender e palpava de orgulho e prazer em acolher ao seu protector este ser delicado e adorável.

Viviam felizes na dulcidião d'esse idyllo innocente, a Deolinda resvalada na sua despreocupação ingênuas, e elle confiado na boca indiferente dos broncos campomos.

Mas o padre João não contava com o rancor do padre Theodosio, e um dia sobressaltouse ao sahir de escola.

O padre Theodosio e o Antônio passavam. O padre, com expressão hilare de satyro concupiscente, confidenciava alguma chocante libertina ao outro, que dardojou ao parocho uns olhares carnicíacos.

Este incidente foi um claro revelador. O padre João deu rebate do perigo a Deolinda e propô-lhe que se avistasse secretamente.

Deolinda fitou no padre um olhar fulgurante de surpresa.

— Escondendo-nos!... De que?...

Mas para logo baixou os olhos, inflammando-se em rubores:

— Ah! comprehension agora! Não cidei que entre nós o mundo possesse suspeitar o mal; eu confio-me a estas intimidades como se estivesse com um irmão. Mas se não podemos continuar as claras, a occultas muito menos. De hoje em diante tudo acabou.

Então o padre João afirmou a pureza das suas intervenções; mas como serin doloroso querer agora este hábito de tão doce convivência? Como privar-se do prazer único de viver um posto da atmosphera em que ella vivia? Ali, n'aquelle

meio inhospito e hostil, que mal havia na união affectuosa de duas almas que se comprehendem!

Deolinda insistia sempre com os olhos baixos:

— Não... não pode ser.

O padre João deu uns passos para ella, n'uma atitude deplorativa:

— Acredite que a respecturei sempre, mas não nos sacrificaremos. Sei que não é feliz, que não o pode ser, que tudo aqui lhe faltia para o ser, como a mim, exactamente como a mim. Agora que me ameaça com o nosso isolamento é que bem comprehendo a futil da sua presença; aterriza-me o sofrimento que me espera! Temos ambos sede de afecção, e se as nossas almas, os nossos corações se atrelhem, porque não havemos de afastar de nós uma solidão, uma tristeza horrível que nos infelicitá?

Deolinda, estorcendo os miltos n'um gesto de supplica, com a physionomia torturada, sofrendo por causa do sofrimento que causava, murmurou com voz expirante, n'um esforço de reacção contra a sua fraqueza:

— Por amor de Deus retire-se!...

O padre esteve impressionado durante esta empaix; mas era muito mago e pouco audaz, e como já muito a amava, abriu mão do triunfo imediato, retorquindo radioso:

— Obedeço, e retiro-me contente, porque levo a certeza de que me separo agora para nos approximarmos pela alma e pelo coração.

Deolinda ficou por instantes immóvel, atordada, com o olhar empanhado, fixo na porta por onde saíra o padre, e depois, despertando n'um doloroso sobressalto, exclamou estorcendo as mãos n'um gesto de aflição:

— Meu Deus! será possível que o ame!... Mas não... nunca, antes um amor sem esperança do que um amor criminoso!

A este tempo ia nas Penhas-Negras, uma grande agitação, passiva pela aldeia um sopro de cólera popular, quando ruge em desvaimentos revolucionários.

O padre Theodosio expectorava os despeitos da sua ambição frustrada em vociferações virulentas, em apostrophes tribonicias trovejantes de indignação. Saturava-se das verbas incendiárias dos jornais de combate para ao depois as expluir em paraprases vulcanicas, ao saber do obtuso intellego do seu auditorio, e n'esta cruzada arrancava-se galhardamente secundado pelo Pisco, que se vangloriava de ter convertido a sua baixa no *focum* de povoaçao.

Era ali que se formava a opinião, e o Pisco, entronizava-se no balcão como n'uma tribuna em que era oráculo.

Trinava a monomania oratoria, cultivada na leitura de todos os alfarcabos a lanco de mão, e nas preleções dos padres missionários arremedados na sua passagem pela aldeia em peregrinação cathechizadora.

Eram o parocho, o boticario e o mestre-escola que proviam o seu arsenal de erudição, e o seu cerebro, impreciso n'vidência n'estepego de sabedoria, era uma esponja abecerida de scienças bolestante, abestruza, cabotica e desconchavista, que infundiava respeito aos briosos basqueques frequentadores da ascorosa possilga. Mas era nas fontes das sagradas escrifuras que elle sobreutuo hauriu as seivas da sua sabedoria.

Quando o estro o inflamava enrijecia em rigida atitude, alteando a cabeça, assumindo uns atos impontos e prophéticos, e declamava a sun erudição aos jactos, entrementes a de pausas solemnies.

Durante estes intercadências, em quanto o auditório com aspectos palermas ficava suspenso d'esta palavrada augusta, elle mediou o pavimento do estreito cecílio a passadas pomposas, cabibaco, como que em reconcentração para incutir a palavrada novas e mais veementes impulsos, e tomantio folego para o voo, bem tensa a corda do pensamento, rectigindo-se em postura declamatoria, e com a emphase de um illuminado abra-

zado no fervor da cataracta freia em novos borbulhões das suas jeremiadas das sibillinas mentes estambúticas.

Por vezes sucedia que a mulher o vinha interromper, solicitando a sua atenção para algum vil interesse rasteiro. Então elle affectava a irreverente com gesto soberano e desdenhoso de quem paira alto e muito soberano às misérias terrenas, e prosseguia abrazado pela fúscia da inspiração.

Este século é o século das luzes e da ciência; o que ha-de vir será o século da perdição. Porque em verdade vos digo, o mundo ha-de perder-se pela mulher e Satanaz tornará a ser anjo. Eva perdeu Adão e Satanaz tornará a seduzir a mulher; mas lembrai-vos, mortas peccadoras, que a formosura da mulher não é mais do que uma caveira bem esfincada...

Ultimamente, porém, não era n'este o seu tema favorito — a perdição do homem e do mundo pela mulher. Outra preocupação agora o abrazaava, afinal pelo dia passado do padre Theodosio.

O que o exasperava e ao povo das Penhas-Negras era o aumento das contribuições: na vasta e complexa fabrica da governação só viam com rancor as rodagens formidáveis do imposto crescente, dentaduras anavaliadas, monstruosas, que lhes dilaceravam as carnes, deixando-as a sangrar do seu sangue, e o furor popular recrescia até ao auge da ilusão criminosa, a julgado pelas diatribes sabidas do padre Theodosio, do Pisco e das gazetas que figuravam os governantes cevando-se sardanapulescamente na miséria do povo. Da voracidade vampírica da casta governamental, com as garras aduncas cravadas no fisco, brotavam rápidas fortunas, como que por encantamento, palácios magnificentes, festas deslumbrantes, desperdícios faustos.

Rios de dinheiro, rios de ouro! E o povo que gema, que sue, que leve vida de negro, que estale de fome para regular a choldra!... — Vicerreia o padre Theodosio em commentário iracundo aos artigos e proclamações estrondeantes, declamados em sessão plena na tasca do Pisco.

E o taverneiro ampliava colericamente a frase do padre:

— E este dinheiro é o suor do povo, é o sangue do povo, porque o dinheiro também é sangue.

Resfogava-se de indignação, n'um desvairamento carniceiro, na perspectiva d'essas imagens sanguinolentas, e o espírito da população só atingia uma alta tensão de irritabilidade, quando veio aticar ainda mais estas coleras rubras o inquerito agrícola.

As povoações rurais aculhiam a providencia hostilmente e a resistência crescia até às violências da sedição. Debalde o poder central forcejava por acalmar a deflagração, clamando por intermédio de todos os seus órgãos que o inquerito não era uma ameaça ao contribuinte; a curiosidade oficial inspirava-se sómente em santo e paternal ardor para se acudir com leis benéficas às angustias da agricultura.

A população agrícola, rosnando de sossalto desconfiada, obstinava-se em morder a mão benfeitora. O povo refilava os dentes aos distribuidores dos boletins agrícolas; armavam-se motins; os sinos tocavam rebate; magotes armados atroavam os ares com alardes sediciosos; à autoridade, quando intervinha sem o auxílio da força armada, era desacatada; os amotinados de bom ou mau grado apoderavam-se dos boletins agrícolas, queimando-os n'uma grata de improprios, dichotes e ameaças.

D'este incendio que ia lavrando communicatione-se uma cunilha as Penhas-Negras. O padre João, inflamado em fervido zelo partidário, tentava sufocar as primeiras labaredas; à missa conventual solememente em exhortações calorosas, ou nas privanças íntimas arvorava-se em paladino governamental, afirmando os humani-

tários intuições dos depositários do poder, aurelando-os na glória de salvadores da agricultura e redemptores da miséria pública, em quanto que o de Theodosio, secundado fogosamente pelo Antonio e pelo Pisco, lhe contrapunha a sua propaganda de ódio e revolta.

Na taberna rugia elle em arengas ribombantes — o parochio atraiçoava o povo e estava vindo á caña governamental, que prometia despachal-o conego. O vinho corria copiosamente; n'aquelle dia não mysteriosa e libera abriu as torneiras; no auge da vinolencia os mais insotifridos sahiram em tumulto, esporeados pelos busidos rugidores do padre e do Pisco; com o Antonio à frente irromperam em clamores sediciosos até à morada do distribuidor dos boletins; o mugore pelo caminho engrossava torrencialmente, arrastando no tropel os encontrações; outros accorriam de longe ao alarme e a avalanche crescia vivante, turgida de coleres e blasphemias.

A porta do distribuidor, sob ameaça de morte, cominaram-lhe que entregasse os boletins, e elle amedrontado arremessava-os da janela. Então os amotinados, tripudiando vitoriosamente rugiam em aclamações estridorosas, em dichotes e obscenidades, e as mulheres eram as mais encarniçadas em iracundias bestiais, e desgrenhamentos de megera.

Eram elas com o rapaz que spanhavam os boletins ás braçadas, acumulando-os em pyra, e uma fumarada erguia-se por entre um turbilhão de labaredas e de gente desarticulada em gestos fúriosos.

As mulheres e o rapaz aticavam a fogueteira, que sibilava crepitante de papeis carbonizados, redemoinhando em vôos phantasticos e macabros, que enfarruscavam infernalmente esta horada medonha de urros e de escáges epilepticos.

Ao mesmo tempo o padre João, confiante na sua popularidade e no seu prestígio eclesiástico, acudia pressurosso com exhortações pacificadoras, alcando os braços n'um gesto amplo e pathético de impreciação apasiguante. Então, desviadas as atenções pela intervenção do parochio, houve um instante de quietação n'aquelle rota vagia, humana; mas logo uma voz brumou rouca de colera:

— E ainda se atreve este Judas Iscariote! O alma damnada!... Vai para os que te pagam o sermão!

Esta apostrophe aggressiva gelou a palavra do padre assombrado do insulto rebellão e foi o grito de alarme que desenfreou de novo a ira popular por um instante sofrida.

A megera que ressahia em fúria entre o mulherio, uma velha escanfrizada, com os braços de uma cõr tisnada como couro denegrido pelo uso, uns feixes de tendões e de músculos ressequidos e descarnados que lembravam calabres, gritou esbugalhando olhares incendiários, e cerrando os punhos com gesto ameaçador:

— Ele é contra o povo, o excommunicado! Elle é contra os pobres!

Então aquela turba escabujou de novo em convulsões de colera brutal; os insultos, as vaianas e os diterios chulos explosiram; braços erguidos minazmente, punhos ruivosamente cerrados, gestos affrontosos e agressivos convergiram para o padre, e a vaga humana, n'um impeto de fúria, envolveo-o n'aquelle redemoinho de agressões, ao mesmo tempo que elle livido e desvairado se debatia na tentativa de aplacar a tormenta, gritando:

— Ouçam, meus filhos! Ouçam o seu parochio! Atendam o seu melhor amigo!

Mas o Antonio, que era o mais allucinado, já o tinha empolgado, e sacudia-o n'uma explosão de ódio bestial, quando uma voz clamou:

(Conclui no proximo numero.)

JULIO LOURENÇO PINTO.

# TSARINE

PÓ DE ARROZ RUSSO  
Achromate, Sustentante, Antisséptico  
PREPARADA POR VIOLET  
20. BOULEVARD PARIS

## FIGARO ILLUSTRADO 1889-1890

Acabamos de ser brindados, por parte da illustrada redacção do *Figaro de Paris*, do seu esplêndido numero de Natal do *Figaro illustré* de 1889-90. E o soplito fasciclo d'esta artística publicação, e, ainda d'esta vez, nós deparamos com reaes progressos. Mais do que nunca a variedade e o interesse do texto, assignado pelos nomes mais gloriosos da França literaria, e a perfeição das gravuras a preto e a cores, collocam esta luxuosa publicação acima de todas as outras do mesmo género.

As suas gravuras chromotypographicas excedem o que ate hoje se tem feito de mais completo. Foi a casa Boussod et Valadon (antiga casa Goupil), que se encarregou, como nos annos precedentes, da execução e impressão das ilustrações. E os srs. Boussod et Valadon, sempre preocupados com a ideia de perfeição, poseram à disposição do *Figaro* os seus novos processos de gravura, e é por isso que este numero alcança um tal acolhimento junto do publico.

Pode-se fazer uma ideia do *Figaro illustré*, cujo prego continua sendo de tres francos e cinquenta, percorrendo o seu sumário. Devemos acrescentar que a tiragem é rigorosamente limitada, e que não se faz nenhuma reimpressão :

### SUMARIO

Couverture de Delort.

### CONTOS

Pile ou Face, par Alexandre DUMAS, illustrations de A. LYNCH (noir).

La plus belle, par Ludovic HALÉVY, illustrations de STUART (noir et couleurs).

Parache, par Gyp, illustrations de DELORT, (couleurs).

Le Voyage de Noces, par Jules SIMON, illustrations de E. BAYARD (noir).

### ESTAMPAS A CORES

Une Ascension en 1780, par Louis Leloutre (double page).

Marchande de roses, par Carolus DURAN (double page).

L'Enjôleur, par Adrien MOREAU.

Almanach, par LAMBERT.

Une Chasse au Lion, par CARAN D'ACHE (noir).

### MUSICA

Je cours après le bonheur..., par J. MASSENET, paroles de Guy de Maupassant, illustrations de G. DUROY.

Idylle, par A. MESSAGER, illustrations de G. DUROY.

A redacção da ILLUSTRAÇÃO agradece à redacção do *Figaro* a extrema similitude do seu luxuoso presente, e convida os seus leitores a folhearem o *Figaro illustré*.

## PARIS

36, RUE MONTHOLY, 30

## GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, das principais estradas de estrada de ferro, dos boulevards e das casas comerciais brasileiras e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário e sua família. É um hotel concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portugueses, que ressentem da modicidade de preços e das comodidades que oferece.

LEIPZIG.

SABÃO REAL | VIOLET | SABÃO  
DE THRIDACE Unico Inventor | VELVETE  
Locomotivas por assentos e estofados para a Ópera e Teatro, &c. &c.

SUSPENSORIOS MILLERET, elásticos e sem passa-freiras. Le Gonide, 49, r. J.-J.-Rousseau, Paris.

# GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua do Colonia Imperial. — Sapocetil, sabonete de tonicador. — Cromo Jacobino (Ambergris! Ovres).  
juro a barba. — Cromo Morango para amaciar a pele. — Fluido Cypriano para engraxar a cutis. — Mithreto-  
de Paris. — Agua de Perfume que é a mistura de ambientes Metalogicos da Corpoaria Medicina, comum a officinas e farmacias.  
Mithreto de Paris. — Imperio Russo. — Mithreto da Musica. — Mithreto Brasil. — Exposicao  
de Paris. — Imperio Russo. — Imperio da Musica, para o longo. — Agua de Colonia Imperial  
Russo. — Agua do Cedro e agua do Chiper para o tonicador. — Alcoolito do Chitenavia, para a boca.

Interessante Descoberta Parisense  
da PARFUMERIE-ORIZA  
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

## PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS

### 12 PERFUMES DECICIOSOS

Sob forma de Lapis  
e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para  
perfumar-se instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:  
VIOLETTA DU CZAAR. JOCKEY-CLUB Bouquet  
JASMIN D'ESPAGNE. OFOPONAX Id.  
HÉLIOTROPE BLANC. CAROLINE Id.  
LILAS DE MAI. MIGNARDISE Id.  
FOIN COUPE. IMPERATRICE Id.  
ORIZA LYS. ORIZA-DERBY Id.  
DESCONFIQUE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A Toda um perfume em forma de lapis ou pastilhas a 10 Réis

Remetentes  
Franco o  
Catalogo-Rijou.



EXPOSITION UNIVIS. 1878  
Medaille d'Or Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

## OLEO DE QUINA

E. COUDRAY

Xperimentado preparado para a febre mala e o mallo.  
Recomendam-se este produto,  
considerando pelas celeberrimas medicas,  
pelos seus principios de quina,  
como o mais poderoso regente doce que se conhece.

### ARTIGOS RECOMMENDADOS PERFUMARIA DE LACTEINA

Medaille d'Or Univas. 1878  
GOTAS CONCENTRADAS para o lenço.  
AGUA DIVINA dita agua de stud.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA  
PARIS 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS  
Depositorias todas as Perfumerias, Farmacias  
e Churrerias da America.



ESPARTILHOS  
LÉOTY  
adoptados pelo  
high-life  
parisiense.  
8, P. de la Madeleine  
PARIS

## PILULAS de PEPSINA HOOG 2, Rue de Castiglione

**Iº PILULAS NUTRITIVAS**  
do Pepsina solidificada contra as  
afecções gastricas, dispepsia  
etc., em nos casos em que a digestão  
é difícil ou impossível. — 5 Fr. o  
frasco de 10 pilulas. 3 Fr. o melo frasco.  
Dose: 2 pilulas antes de cada refeição.

**2º PILULAS de Pepsina e de  
Ferro reduzido pelo hydrogeno**  
contra as moléstias chronicas e as  
afecções que dependem delas: pôrdas  
brancas, cérax palidus, menstrua-  
ções difíceis; etc para fortificar os  
temperamentos debilitados. — 4 Fr.  
o frasco. 2 Fr. 50 o melo frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e à noite.  
Mais três sortes de pilulas são prescritas  
diferentemente pelos mais consultados medicos.

**3º PILULAS de Pepsina e de  
Ferro contra as moléstias**  
esofálicas, litípatinas e ciphili-  
ticas, a phthisis, a cachexia  
chlorotica e as afecções estenicas  
gostas de constipação. — 4 Fr.  
o frasco. 2 Fr. 50 o melo frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e à noite.  
Mais três sortes de pilulas são prescritas  
diferentemente pelos mais consultados medicos.

**DEPOSITO** nas principais PHARMACIAS do BRAZIL



## ASTHMA E CATARRHO Curados COM OS CIGARROS ESPIC

Em França  
Opreseos, Tonicos, Compositos, Novas  
na India e Farmacias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Venha por favor,  
A BEM, Rue St-Lazare, 80. Entra nessa magnifica loja onde o Cigarro



BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE entre  
dysenteria, diarrhoea, gastralgias, colites.

## A PASTA EPILATORIA DUSSE

Destinado esclusivamente as Penitencias Desengraçadoras (Barba, Bigode, etc), das roupas das Senhoras, sem bismutho inconveniente para a pele mais delicada. SCARNO DENTRE os medicos Holandeses  
e a Suécia. Praticado de formecido das muitas Familias resintentes. Mittido de artificios, e conservado de ambientes Metalogicos da Corpoaria Medicina, comum a officinas e farmacias  
holandesas, suecas, portuguesas. Vendido em colpas para a barba, o mesmo colpas para um pequeno bigode.

DUSSE, 2, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Eu Lisboa: GUERLAIN, BEIRAO, Farmacia ESTADIO e Cia; e nos principais Perfumerias de Lisboa e do Brasil.

Le Gérant: P. MOUILLOT.

## T. JONES

23, Boul' des Capucines, 23

PARIS  
Fabricante  
de Perfumeria Inglesa  
EXTRA-FINA

### Extractos compostos

IMPERIAL RUSSE

ESS. ROUET

VICTORIA

CAPRIDE

CYPRE

VERVET

PARIS

etc.

Extrato de

etc.</p